1 - Enquadramento Geográfico

1.1 - Freguesia de Cucujães

A Freguesia de Cucujães situa-se na Beira Litoral, no Distrito de Aveiro, no Concelho de Oliveira de Azeméis e Bispado do Porto. É uma das maiores freguesias do concelho de Oliveira de Azeméis.

Possui uma área de 11.73 Km2, sendo caracterizada por um terreno acidentado, propicio para a agricultura.

É atravessada pelo rio Ul e por alguns ribeiros, a Norte com S. João da Madeira, Arrifana e Mosteiro; a Sul com s. Martinho da Gândara e S. Tiago de Riba Ul; a Nascente com Vila-Chã de S. Roque; a Poente, com S. Vicente de Pereira e S. Martinho da Gândara. [1]

Actualmente, a Freguesia de Cucujães não se encontra dividida por lugares, visto que, neste momento a Vila se encontra a integrar o nome das ruas e números por uma questão de facilitar a correspondência.[2]

De acordo com a tradição, a origem do nome Cucujães, está relacionado com o canto do Cuco, cujo étimo latino é "CUCULUS", se ele cantar em Junho-Julho, será prenúncio de mau ano agrícola. Etimologicamente, Cucujães deriva do latim "cuculianis" que significa elevação de terreno, o que está de acordo com a caracterização geográfica da área (*Manuel Lima; Bruno Silva*, 1983: 7).

A população que habita na Freguesia, é bastante religiosa, especialmente no que concerne à população idosa. Estes frequentam com muita regularidade a igreja paroquial, e seguem rigorosamente os valores católicos.

Ao nível de património, Cucujães possui, uma Ponte da Pica (Ponte Romana); Museu Regional de Cucujães e um Mosteiro.

O *Diagnóstico do Concelho de Oliveira de Azeméis*, "tem como objectivo fazer uma caracterização do concelho, por freguesia de forma a serem detectados problemas/necessidades, suas causas, pontos fortes, recursos e potencialidade" (2006:

[1] A Freguesia, era composta por vários lugares, Arribalda, Buraco, Carregoso, Casal Novo, Cavadas, Costa, Igreja, Faria de Cima, Faria de Baixo, Ferral, Fermil, Fogo, Fonte Escura, Gandarinha, Ínsua, Manta, Marco, Margonça, Moinhos, Paraíso, Penedo, Pica, Picoto, Rebordões, Rio d´Ossos, Teso, Vale Grande, Venda Nova e Vila Nova.

[2] O Brasão, **"**Escudo de negro, leão de prata segurando nas mãos um báculo de ouro; em chefe um escudete de Portugal antigo. Coroa mural de prata de quatros torres. Listel vermelho com a legenda a negro em maiúsculas: VILA DE CUCUJÃES" (*Manuel Lima; Bruno Silva*, 1983: 4).

12). O concelho de Oliveira de Azeméis é formado por 19 freguesias, 1 cidade, 8 vilas e 10 aldeias, na qual se entrega a Freguesia de Cucujães.

Confrontando os dados dos censos de 1991 e 2001, segundo o diagnóstico social, verificou-se que o concelho registou um aumento populacional de 5,8% semelhante ao aumento registado no território nacional de 5%.

Tabela nº 1 – População Residente na Freguesia de Cucujães

Freguesia	Total Residentes 1991 - 2001	Variação nº Residentes 1991 - 2001	Taxa de Variação (%) 1991 – 2001
Cucujães	11.130 - 11.094	-36	-0,32

Fonte: Diagnóstico Social (2006: 20).

Segundo o documento, Diagnóstico Social, apenas quatro freguesias apresentam uma variação negativa no seu número de habitantes. Como podemos observar, nos dados acima, referentes à freguesia de Cucujães, esta encontra-se no registo negativo, porque o número de habitantes diminuiu de 1991 para 2001.

Contudo, a freguesia de Cucujães é a que possui mais habitantes em relação às restantes freguesias e vilas pertencentes ao Concelho de Oliveira de Azeméis.

O que se verifica no concelho é um registo de um crescimento, sobretudo do envelhecimento "… índice de envelhecimento de 31,31% em 1981, passando para 48,35 em 1991 e para 76,46% em 2001" (*Diagnóstico Social*, 2006: 23). As diferenças entre os jovens e a população idosa têm diminuído e com tendência a inverter-se como nos apresenta a projecção da população do concelho de Oliveira de Azeméis para o ano 2011. Desta forma, prevê-se que os idosos em 2011 representem 16 % da população (*Diagnóstico Social*, 2006: 118).

Tabela nº 2 – Projecção da População do Concelho de Oliveira de Azeméis, por Grupos Etários para o Ano de 2011

População residente	Grupos Etários				Total
	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	65 + anos	
Concelho de Oliveira de Azeméis	10 965	8 532	42 351	11 819	73 666

Fonte: Diagnóstico Social (2006: 23)

Esta projecção, reflecte-se num aumento populacional, visto que, em 2001 o total de residentes no concelho de Oliveira de Azeméis era de 70 721. Projecta-se a tendência de um envelhecimento populacional ao nível de todo o concelho, acompanhando como é de esperar com o resto do país.

Relativamente à vocação empresarial, o concelho é fortemente industrializado, concentrando em si diversas actividades, como por exemplo, calçado; metalúrgica; plástico; colchões; entre outras, num total de 1920 empresas (*Diagnóstico Social*, 2006: 25). A freguesia de Cucujães enquadra-se dentro deste perfil empresarial, embora esteja centrado na exploração de mão-de-obra desqualificada.

No que concerne, aos serviços da freguesia de Cucujães, esta possui um Centro de Saúde. Cucujães é uma das freguesias "… que maior número de equipamentos de saúde contabilizam e que oferecem uma gama de serviços diversificados" (*Diagnóstico Social,* 2006: 81).

Relativamente, às questões de acção social na freguesia de Cucujães, encontramos algumas instituições, são elas: Santa Casa da Misericórdia; Cruz Vermelha Portuguesa – Núcleo de Cucujães; APDASC; Lar de Santa Teresinha; Desafio jovem; Fundação Condessa da Penha; Fundação Manuel Brandão.

Tabela nº 3 – Equipamentos e Serviços de Apoio à Infância e Juventude

Designação da Instituição	Localização Geográfica	Valências
Fundação Condessa Penha Longa	Cucujães	Creche
		Pré-Escolar
		ATL
Misericórdia de Cucujães	Cucujães	Creche
		Pré-Escolar
		ATL

Fonte: Diagnóstico Social (2006: 97)

A tabela nº3, mostra-nos duas instituições que existem na freguesia destinadas à infância e juventude, são elas: Fundação Condessa Penha Longa Misericórdia de Cucujães. Estas instituições desempenham um papel bastante importante no que concerne a três grandes respostas sociais, são elas: Creche; Pré-Escolar e ATL. As famílias depositam grande relevo nas mesmas, na medida em que, estas são um meio de inserir as crianças no meio educacional e de estabelecerem relações com outras crianças.

A tabela nº4, diz respeito aos equipamentos destinados aos idosos, sendo eles apenas dois: Fundação Manuel Brandão e Obra Missionária de Cucujães.

Tabela nº 4 – Equipamentos e Serviços de Apoio aos Idosos

Designação da Instituição	Localização Geográfica	Serviços/ Equipamentos
Fundação Manuel Brandão	Cucujães	Centro de Dia
		Lar
		Apoio Domiciliário
Obra Missionária de Cucujães	Cucujães	Lar de idosos

Fonte: Diagnóstico Social (2006: 99)

Estas duas instituições têm um papel fundamental na freguesia, visto que se tem verificado um aumento do número de idosos acompanhado por alguns fenómenos que se têm vindo a manifestar com algum relevo, como por exemplo o isolamento, pobreza, entre outros. Porém, estas duas instituições apesar dos esforços que fazem para responder aos idosos não conseguem corresponder a tantas necessidades, ou seja, o número de idosos é superior à capacidade de respostas que estas duas instituições podem dar a este tipo de população. Desta forma, denota-se a falta de mais instituições ou serviços capazes de responder a todas as necessidades da população idosa.

A Cruz Vermelha Portuguesa, desempenha um papel bastante importante na Freguesia de Cucujães. Esta integra o Projecto "Acolhimento Integrado às Famílias" (*Diagnóstico Social*, 2006: 102), oferecendo aos indivíduos e famílias em situação de disfunção sócio-familiar e com carências, os seguintes serviços:

- Gabinete de atendimento/ acompanhamento;
- Banco Alimentar/ Medicamentos;
- Banco de ajudas técnicas;
- Apoio económico.

Como já foi supracitado, a população idosa tem vindo a aumentar quer no concelho de Oliveira de Azeméis, quer nível nacional, e as questões relacionadas com "o isolamento social dos idosos aparece como causa e efeito da sua vulnerabilidade social" (*Diagnostico Social,* 2006: 117), trazendo consigo diversos problemas, como por exemplo:

- Abandono/ negligência;
- Desvalorização do seu papel na sociedade;
- Agravamento da condição de saúde, higiene e alimentação;
- Falta de qualidade de vida.

Perante esta situação, torna-se necessário criar equipamentos sociais de forma a garantir a qualidade dos mesmos na prestação aos idosos (*Diagnostico Social,* 2006: 118). Contudo, ainda existe um longo caminho a percorrer, nomeadamente ao nível da qualidade, flexibilidade dos serviços, para responder às verdadeiras necessidades de um território especifico.

Em suma, podemos observar através da exposição de várias instituições e dos dados fornecidos pelo Diagnóstico Social, que a Freguesia de Cucujães, é composta por um grande número populacional. O interesse em desenvolver um estudo desta natureza na Freguesia de Cucujães, consiste em estudar a situação actual da população idosa.

Segundo as informações que temos adquirido, o aumento da população idosa é uma realidade que acarreta consigo diversas consequências, como por exemplo, a falta de respostas destinadas a este tipo de população. Por outro lado, é uma Freguesia onde a maioria dos idosos viviam da agricultura.

1 – Risco de Pobreza na Terceira Idade

1.1 – Envelhecimento Demográfico

As questões relacionadas com o envelhecimento têm assumido um particular interesse, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento. Este tema do envelhecimento, é muito popularizado pelos meios de comunicação virando todas as atenções para os idosos numa perspectiva de personagens de uma "catástrofe demográfica" *(Fernanda Daniel,* 2006: 116). Dando seguimento a este raciocínio, os idosos são vistos como expressão de um futuro em perigo, no que diz respeito, aos recursos humanos e dificuldade em manter soluções sustentadas ao nível da economia. Pois, os idosos deixam de produzir, mas continuam a consumir, lançando questões como "… a idade de reforma; os meios de subsistência; a Qualidade de Vida dos idosos; o estatuto dos idosos na sociedade; a solidariedade e a sustentabilidade dos sistemas de segurança social e saúde" *(Cristina Imaginário,* 2008: 11).

Este tempo do envelhecimento é caracterizado como o tempo da reforma. Nesta fase de vida, o idoso sofre grandes alterações, pois em geral deixa de exercer uma actividade profissional e passa para um estado de reforma. Não podemos esquecer que os factores sociais, por sua vez, também influenciam o envelhecimento, quer no que diz respeito às habilitações que estes adquiriram ao longo do seu percurso de vida, quer à vida económica que o idoso levava.

O fenómeno do envelhecimento das populações é um fenómeno global. Ao falarmos deste processo temos de ter em conta que estamos a falar de um fenómeno que engloba três aspectos, são eles: a natalidade, a mortalidade e os processos migratórios. Embora, este fenómeno de envelhecimento, tenha emergido nos países desenvolvidos, devido a questões como a industrialização e a globalização, nos últimos anos os países em desenvolvimento têm apresentado um progressivo declínio nas taxas de mortalidade.

Os idosos atingem já 20% da população em vários países. Estes representam uma franja poderosa da população nas sociedades, mas por outro lado são uma preocupação social. Aproximadamente dentro de 15 anos, um em cada cinco portugueses terá 65 ou mais anos, e em meados do século XXI, será um para cada três portugueses (*Constança Paúl; António Fonseca,* 2005: 15).

O gráfico nº1, apresenta-nos o agravamento do envelhecimento demográfico em Portugal, compreendendo o período de 1991 – 2050. Nele, podemos observar um

declínio da evolução da população jovem ao longo dos anos, contrapondo com o cenário dos idosos que se encontra em crescimento.

Gráfico nº 1 – O Agravamento do Envelhecimento Demográfico, Portugal 1991-2050



Fonte: Maria Carrilho; Cristina Gonçalves (2004: 6).

Este fenómeno do envelhecimento demográfico como podemos constatar no gráfico presente, tem vindo a manifestar-se com grande intensidade no país, sendo que as pessoas com 65 ou mais anos de idade apresentam uma disposição sempre a crescer ao longo dos anos.

De acordo com este cenário o número de população activa (15-64anos), também vai sofrendo quebras, visto que, em 1991 representava 66,4% contrapondo com a projecção de 55% em 2050.

Já ao nível das regiões (Norte; Centro; Lisboa; Alentejo; Algarve; Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira), este fenómeno comporta-se de forma diferencial, embora se verifique um envelhecimento populacional ao nível de todas as regiões.

No período de 2001, as regiões do Norte, Centro e nas regiões autónomas, apresentam um maior decréscimo da população jovem nas projecções seguintes.

Podemos concluir, que se perspectiva um aumento da população idosa em todas as regiões, em especial no Norte e nas regiões autónomas, mas manifestar-se-á por todo o país com ritmos e momentos diferentes.

Desta forma, ao referirmo-nos a este fenómeno temos de ter em conta dois tipos de envelhecimento: a) na base da pirâmide, que corresponde à diminuição drástica de crianças e jovens; b) no topo da pirâmide, que corresponde a um aumento significativo dos idosos, devido à esperança média de vida. Deparamo-nos, com uma pirâmide etária onde não existe equilíbrio entre as várias faixas etárias.

José Oliveira, apresenta uma abordagem muito interessante do fenómeno de envelhecimento, afirma que, "Não é que existam pessoas idosas a mais; existem sim crianças e jovens a menos" (2005: 13).

Quando falamos de envelhecimento demográfico, temos inevitavelmente de focar o fenómeno do aumento da esperança média de vida, que consiste no aumento do número de anos que esperamos viver depois de atingir os 65 anos de idade.

Para *Cristina Imaginário,* o crescimento da população idosa é reflexo "… das conquistas tecnológicas e da medicina moderna, que produziram, ao longo dos últimos anos, meios que tornaram possível diagnosticar, prevenir e curar muitas doenças fatais do passado, aumentando assim a esperança de vida" (2008: 10). Além destes aspectos que a autora refere, temos de ter em conta que neste século XXI os países com maior grau de industrialização são os que apresentam cada vez mais população envelhecida.

1.2 – Fenómeno de Pobreza: Abordagem dos Autores

Ao falarmos do conceito de pobreza temos de ter em consideração a sua complexidade e o seu carácter multidimensional. Contudo, este fenómeno de pobreza não nos é novo, ele já existe há algum tempo, mas tem desenvolvido notável expressão e preocupação nas sociedades contemporâneas.

As desigualdades existem em todos os tipos de sociedade humana, entre homens e mulheres; jovens e idosos. Alguns sociólogos falam da existência de estratificação social, que pode ser definida como um "sistema de desigualdades estruturadas entre diferentes agrupamentos de pessoas" (*Anthony, Giddens*, 2000: 296). Max Weber, ao falar-nos sobre a estruturação da sociedade, foca a análise de Marx, visto que, este aceita que as "classes se baseiam em condições económicas objectivas, concebe uma maior variedade de factores económicos importantes para a formação de classes" (*Anthony, Giddens*, 2000: 303). Para Weber, não basta apenas considerar o controlo dos meios de produção, mas também o que está por detrás, que são as qualificações dos indivíduos. Porém o que se verifica actualmente é uma perda de classes nas sociedades modernas. Os idosos encontram-se em situação de perda de valor e, em situação de grande vulnerabilidade em relação ao fenómeno de pobreza, pois passam a depender das suas reformas/pensões para fazer face à sua sobrevivência. Temos de ter em consideração as habilitações dos idosos, que por sua vez interferem nas reformas dos mesmos. Esta análise vai ao encontro das análises de Max Weber, visto não ser suficiente para analisarmos a sociedade, em especial os idosos, considerarmos só os aspectos económicos, mas também as habilitações.

Consideramos curioso a abordagem feita de *Maria, Mendes* et al, que nos define a pobreza da seguinte forma, "Even though poverty not be defined only as material deprivation, but rather in a broader perception of a global uncontroversial human development that proclaims not being socially greater poverty than not possessing (…) Therefore, we can perceive poverty as the inability to fulfil basic needs of food, health, education and housing, as a result of insufficient monetary net income" (2005: 2). A autora salienta que esta questão da pobreza não abarca só a questão monetária, é alguma coisa ampla/multidimensional, como a incapacidade de satisfazer as necessidades básicas, como a saúde, educação, alimentação e habitação. Ao pronunciarmo-nos sobre o fenómeno da pobreza, temos de nos posicionar na linha da autora, visto que, o fenómeno não se pode reduzir apenas às questões monetárias. Todavia, a questão monetária pode influenciar campos como a habitação, alimentação, entre outros.

De igual modo, segundo *José Pereirinha* et al, podemos entender a pobreza como alguma coisa que vai além da falta de recursos económicos, ou seja, este fenómeno pode ser encarado como um estado de privação no que se refere ao bem-estar dos indivíduos pobres. O autor, apresenta ainda outra definição mais ampla de pobreza, comparando-a com a sociedade mais lata, isto é, segundo ele, "… a visão de que o estado de pobreza, como reflexo da escassez de recursos para satisfazer necessidades mínimas, evidência uma situação de desvantagem social do individuo face à norma" (*José Pereirinha*, et al, 2007: 7). Nesta citação o autor estabelece uma relação entre o fenómeno de pobreza e a desvantagem que este tem na vida social.

Já *Fernanda Rodrigues* apresenta-nos uma definição próxima da perspectiva da cidadania, sendo que "… consideram pobres indivíduos e famílias cujos recursos são tão restritos que excluem das condições de vida mínimas aceitáveis para os estados membros em que vivem" (2002: 8).

Como podemos constatar nestas três definições de pobreza, os autores não se referem apenas aos recursos económicos, focam também as questões relacionadas com a privação de bem-estar provocadas pela pobreza e consequentemente as questões de exclusão social.

No nosso ponto de vista, a pobreza corresponde à não satisfação das necessidades primárias e secundárias, ou seja, situação de privação por falta de recursos. Já o conceito de privação, conduz o idoso a sentir carência de alguma coisa que gostaria de ter, por outras palavras, o idoso vê-se desprovido de algum bem que não tem possibilidade de aceder a ele. Contudo, estes dois conceitos acabam por se implicar entre si podendo dar origem a outros, como por exemplo ao fenómeno de exclusão social.

Existem diferentes abordagens que podem ser feitas à pobreza, são elas: pobreza absoluta e relativa; pobreza objectiva e subjectiva. Desta forma a, "Absolute poverty concerns the inability to satisfy minimum global needs which every single man is entitled to, a human being, such as food, basic health care and education, housing and sanitation facilities, among others (…) relative poverty, is identified in comparative terms and related to a region or a country" (*Maria Mendes, et al,* 2005: 2). Ou seja, a pobreza absoluta, refere-se ao problema da satisfação das necessidades mínimas humanas como um direito e, a pobreza relativa, corresponde a fenómenos relativos, por outras palavras, os padrões de vida médios das diferentes sociedades. No que concerne à pobreza objectiva, "… baseia-se na selecção de um conjunto de critérios de escolha de variáveis que sejam objectivamente mensuráveis e não dependem da opinião".

(*Pereirinha*, et al, 2007: 10). Por fim, a pobreza subjectiva apoia-se exclusivamente na capacidade que as pessoas e famílias fazem sobre a sua própria condição. Estas quatro abordagens citadas, permitem-nos compreender o fenómeno de pobreza através de perspectivas amplas e entender que este fenómeno não é algo estanque, ou seja, as suas características variam no tempo e no país.

Importa, porém, referir que segundo o INE, a taxa de risco de pobreza corresponde à "Proporção da população cujo rendimento equivalente se encontra abaixo da linha de pobreza definida com 60% do rendimento mediano por adulto equivalente" (2009: 6).

Fazendo novamente referência às questões relacionadas entre a pobreza e a privação, a autora *Fernanda Rodrigues*, refere-se a estes dois conceitos como algo que "… pode demarcar-se de exclusão social a qual definem como um conceito mais compreensivo que abrangerá o emprego, o rendimento, bem-estar, experiências sociais e a participação democrática" (2007: 1). Fazendo uma ponte entre as questões que temos vindo a falar (pobreza e privação) com o envelhecimento e relacionando com a citação da autora, mostra-nos que todo o percurso social, como já vimos, poderá interferir no envelhecimento e pode levar o idoso a uma situação de qualidade de vida ou de pobreza.

No estudo realizado, à pobreza em Portugal *Bruto da Costa* et al, utilizou a seguinte definição de pobreza, "… uma situação de privação resultante de falta de recursos" (2008: 26), seguidamente define o conceito de privação como uma "…. situação de carência, que pode resultar da falta de recursos, mas também pode ter outras causas" (2008: 26). Neste sentido, o autor apresenta-nos o conceito de privação como a não satisfação das necessidades humanas.

Nestas várias análises dos autores ao fenómeno de pobreza, embora todos caminhem numa mesma linha, cada autor ressalta aspectos diferentes. A autora Fernanda Rodrigues foca essencialmente as questões de exclusão social que a pobreza pode provocar na vida dos idosos; Maria Mendes e os seus restantes colaboradores falam-nos da pobreza como um fenómeno amplo e complexo; Pereirinha et al, realçam as questões do bem-estar do indivíduo e Bruto da Costa exalta as questões de privação que a pobreza pode trazer ao indivíduo. Estas várias perspectivas dos autores, na nossa opinião complementam-se e enriquecem a compreensão do fenómeno aqui descrito.

A sociedade em que vivemos passou a dar "… centralidade ao valor do trabalho profissional que atribui o estatuto das pessoas na sociedade e lhes justifica um vencimento e, na prática, o acesso aos direitos sociais…" *(Luísa Silva,* 2001: 172), embora muitos destes direitos tenham sido consagrados como direitos universais,

existem muitos condicionantes. A presente citação é reflexo da transformação de valores que temos vindo assistir nos últimos tempos, pois não há muito tempo a centralidade era colocada na família. Desta forma podemos constatar que o idoso está a perder terreno nas sociedades contemporâneas, sendo que o momento de passagem para a reforma acarreta algumas, se não muitas, dificuldades económicas, sociais e de bem-estar e mesmo no que concerne à sua própria integração na sociedade como cidadão que é.

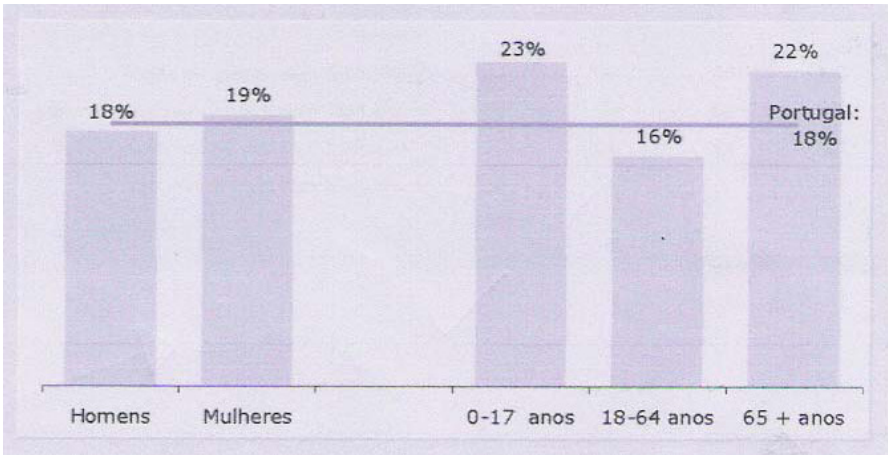
Ao realizarmos esta investigação, sobre o tema da pobreza nos idosos não podemos omitir um documento bastante importante, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, na medida em que, o fenómeno de pobreza é segundo o mesmo uma violação dos Direitos Humanos. De acordo com a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, no artigo nº 22 mostra que "Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos económicos, sociais e culturais indispensáveis, graças ao esforço nacional e à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país". No mesmo documento, o artigo nº 25 ilustra que "Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou outros casos de perda de meios de subsistência por circunstancias independentes da sua vontade". Como podemos observar, nos dois presentes artigos, o fenómeno da pobreza é uma violação do mesmo, na medida, que não se encontra consagrado e não é uma forma de dignidade. Porém, não é suficiente considerar os direitos humanos universais, é necessário reconhece-los como direitos que estão sempre em movimento. Perante esta violação é preciso encontrar e perceber os planos e programas de combate à pobreza, pois, podem de alguma forma contribuir para a reprodução de competição entre os assistidos.

1.3 - Pobreza na Terceira Idade

Voltando todas as atenções para a questão central desta investigação, a reflexão sobre a pobreza na terceira idade, nos últimos anos, tornou-se tema de preocupação no nosso país. Pois é uma realidade que afecta cada vez mais idosos nas sociedades desenvolvidas e em vias de desenvolvimento. Esta preocupação levou ao desenvolvimento de uma estratégia ao nível Europeu, designada como, "2010 Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social" (*Susana Pereira*, 2009: 5). Com esta estratégia, Portugal pretende sensibilizar e consciencializar que estes problemas não podem ficar esquecidos, levando esta mensagem ao maior número possível de pessoas, contribuindo desta forma com os restantes Estado-Membro na erradicação da pobreza.

De acordo com a análise que o Instituto Nacional de Estatística (2009: 1) realizou à taxa de risco de pobreza segundo o sexo e grupo etário, verificou uma melhoria no risco de pobreza para os idosos. Segundo esta análise o fenómeno passou de 26% em 2006 para 22% em 2007. Como nos ilustra o gráfico n º 2, a taxa de risco de pobreza nos idosos é claramente superior às do restante conjunto da população.

Gráfico nº 2 – Taxa de Risco de Pobreza Segundo o Sexo e Grupo Etário, Portugal e na U.E. 2008



Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas (2008)

Esta percentagem, de 22% referente ao risco de pobreza nos idosos é a segunda mais alta do resto da franja populacional, pois com uma percentagem muito idêntica e

não muito mais alta encontram-se os indivíduos com menos de 18 anos com uma percentagem de 23%.

Podemos concluir destes dados, que embora os indivíduos com menos de 18 anos apresentem uma taxa de risco de pobreza um pouco superior à dos idosos, a taxa do risco de pobreza que incide sobre a população idosa é bastante elevada. Aferindo que, é nos idosos que a pobreza se manifesta de uma forma mais severa e intensa, visto que, os idosos são uma população bastante vulnerável, ou seja, "… the elderly are clearly more vulnerable than the working-age individuals in each country" (*Asghar Zaidi*, 2006: 4).

A pobreza afecta pessoas de todas as idades, mas é nos jovens e sobretudo nos idosos que se torna acentuada, "Although poverty condition may affect persons in every age, it is among the youth and, above all, the elderly people that it becomes a greater burden" (*Maria Mendes, et al,* 2005: 7).

O fenómeno de pobreza torna-se mais acentuado nos idosos, pois a sua única fonte de rendimento são as reformas, e em grande parte dos casos não chegam para fazer face às despesas dos mesmos.

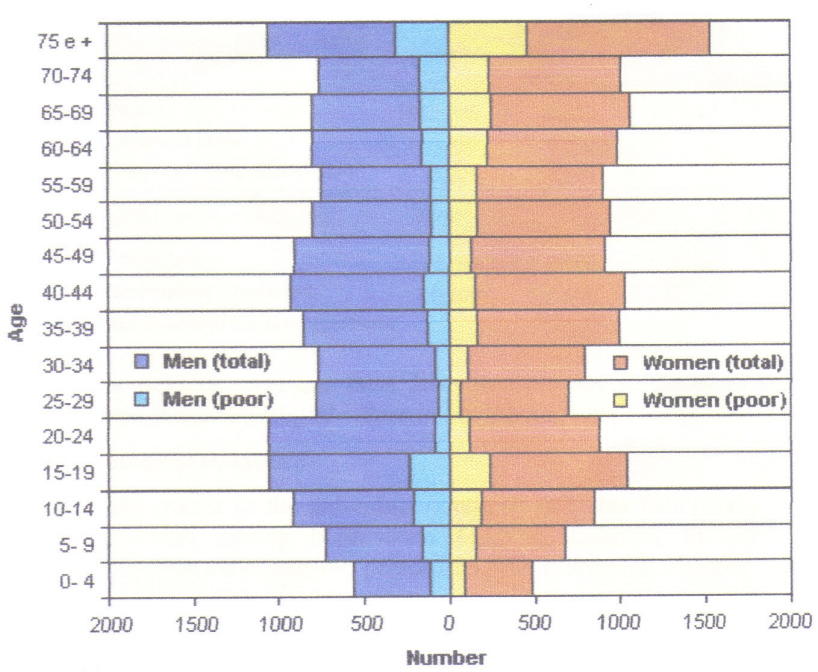
Porém, "… even if it´s not possible to associate poverty to specific ages, the fact is that being between 31 and 64 years old lowers the probability of being poor in 21,7%. This probability is also inferior (-19,4%) among those who are between 15 and 30 years old" (*Maria Mendes, et al,* 2005: 8). Segundo a autora, a probabilidade de um idoso ser pobre é bastante maior do que as restantes faixas etárias da população, embora não se possa associar o fenómeno de pobreza a uma faixa etária específica.

Outra questão pertinente para o estudo presente, diz respeito às condições de coabitação dos idosos que correspondem a isolamento ou com familiares, visto que, este pode ter influências ao nível do risco de pobreza. Segundo o INE, os idosos que vivem sós, apresentam uma situação mais grave em relação aos restantes, pois segundo os seus dados em 1999, metade deles viviam em situação de pobreza. Contudo, também se verificou através dos dados do INE, que a maioria dos agregados que têm idosos encontram-se em situação de pobreza, isto é, "não só a maioria dos agregados em situação de pobreza contém idosos como mais de um terço do total de indivíduos idosos são pobres" (*INE,* 1999: 54).

Contudo, ao falarmos da pobreza nos idosos, temos de ter em consideração que ela não se manifesta de forma homogénea entre si, isto significa que se manifesta de forma diferencial entre os idosos de género masculino e feminino.

Na perspectiva de *Maria Mendes* et al, retrata este assunto de uma forma sucinta, mas com bastante rigor, "being a woman increases the probability of being poor, even though the values between men and women do not show major differences: while among women poverty assumes 19,6% of the total, in the opposite sex only 17,5% were in a poverty condition" (2005: 8). Segundo a autora, a probabilidade do fenómeno de pobreza afectar os idosos do género feminino é de 19,6%, contrapondo com 17,5% para o género masculino.

Gráfico nº 3 – Distribuição da Pobreza por Idade e Género 2005



Fonte: Maria Mendes, et al, (2005: 8)

O gráfico n º 3, apresenta-nos a distribuição da pobreza por idade e por género. Neste, deparamo-nos com um cenário que nos permite aferir a existência de uma maior probabilidade de pobreza para o sexo feminino idoso, comparativamente com o sexo masculino idoso.

Contudo, *Asghar Zaidi*, defende que a diferença entre o risco de pobreza de homens e mulheres idosos é pequena, "on the other hand, in Portugal, Spain, Belgium, Malta, Denmark, France, Slovakia, the Netherlands and Luxembourg, the differences between the at-risk-of-poverty rates of male females elderly are relatively small" (2006:

6). Países como Portugal, Espanha, Bélgica, Malta, Dinamarca, França, Eslováquia, Holanda e Luxemburgo, apresentam menor diferença entre o risco de pobreza no género masculino e feminino relativamente aos idosos.

1.4 – A Pobreza nos Idosos ao Nível Europeu

Fazendo uma ponte de toda esta situação de pobreza com a **União Europeia**, verifica-se que a taxa de pobreza dos idosos em Portugal é superior às taxas médias da União Europeia.

A nível Europeu, verificamos que, "In the early years of the 21st century, about 13 million elderly people are at risk of poverty in 25 EU member States, amounting to as many as one-in-six of all 74 million elderly people living in EU" (*Asghar Zaidi*, 2006: 2), ou seja, 13 milhões de idosos estão em risco de pobreza dos 25 países membros da EU, como nos mostra a tabela nº 5.

Tabela nº 5 – Proporção e Número de População Idosa (entre 65 anos e acima) em Risco de Pobreza nos Estados-Membros da União Europeia, usando 60% do Rendimento Médio como Linha de Pobreza

Country	Year	at-risk-of-poverty rate (%)	Poor pop. (000)
Cyprus	2003	52	44
Ireland	2003	40	176
Spain	2003	30	2,112
Portugal	2003	29	504
Greece	2003	28	539
United Kingdom	2003	24	2,268
Belgium	2003	21	370
Malta	2000	20	9
Slovenia	2003	19	56
Austria	2003	17	213
Denmark	2003	17	135
Estonia	2003	17	37
Finland	2003	17	135
France	2003	16	1,561
Italy	2003	16	1,743
Germany	2003	15	2,167
Latvia	2003	14	52
Sweden	2003	14	215
Lithuania	2003	12	61
Slovakia	2003	11	68
Hungary	2003	10	156
Netherlands	2003	7	154
Luxembourg	2003	6	4
Poland	2003	6	294
Czech Republic	2002	4	57
EU 25	**2003**	**18**	**13,350**
EU 15	**2003**	**19**	**12,156**
New Member States	**2003**	**9**	**902**

Fonte: Asghar Zaidi, (2006: 3)

Como podemos observar na tabela acima, o autor ilustra-nos um cenário não muito positivo para os idosos, pois segundo ele, Chipre, Irlanda, Espanha, Portugal, Grécia e Inglaterra "… are identified as the countries with the highest poverty risk for the elderly population" (*Asghar Zaidi*, 2006: 2), na sua perspectiva são países que têm maior risco de pobreza. Para além disso, ainda podemos concluir através da organização da tabela, que representa o risco de pobreza nos idosos da União Europeia, onde os ordena de forma crescente para decrescente do risco de pobreza. Desta forma, encontramos Portugal na quarta posição com 29% de risco de pobreza nos idosos entre os restam países que pertencem à União Europeia.

Segundo a autora *Maria Ribeiro,* esta problemática é caracterizada como "… fruto de um sistema de protecção social na velhice que está longe de ter atingido o grau de desenvolvimento registado na maior parte dos países da União Europeia…" (2007: 8). Esta situação é reflexo de uma população idosa que usufrui reformas e pensões muito baixas, em que muitos idosos vivem em condições habitacionais degradadas e muitos deles têm despesas avultadas ao nível da saúde. É nos idosos que a pobreza se manifesta de forma mais dura.

Na mesma linha de pensamento da autora acima, temos novamente o autor *Asghar Zaidi,* que nos diz o seguinte, "These results also point to the problems linked with the adequacy of survivors´ benefits that are currently in the national pension systems. (…) Thus, in the absence of a behavioural response towards greater savings and more work during working lives, the risk of poverty for future elderly populations in EU countries will increase" (2006: 9). Na perspectiva do autor o problema encontra-se na adequação das prestações de sobrevivência, sem uma resposta comportamental de uma maior poupança e de mais trabalho durante a vida activa, o risco de pobreza para as futuras populações idosas dos países na União Europeia irá aumentar.

Em suma, "… a insuficiência de medidas de politica social capazes de garantir condições económicas mínimas a quem fez a sua vida profissional numa época em que não se realizavam contratos ou descontos para a segurança social, configura-se-lhes um quadro de vida em que a pobreza é o culminar…" *(Luísa Silva,* 2001: 173). A presente citação, ilustra o panorama em que vivemos actualmente no que diz respeito à situação dos idosos e suas condições de vida em Portugal. Se antes não se efectuavam descontos para a segurança social, hoje o que se verifica, é uma instabilidade quando se pensa na velhice, porque não há uma garantia de esses descontos assegurarem uma qualidade de vida na velhice num futuro próximo. Perante este quadro bastante negativo, o actual Governo implementou uma medida especial de combate à pobreza destinada aos idosos,

o Complemento Solidário para Idosos. Todavia, na realidade esta política não se adequa a 100% à nossa sociedade, pois não tem em conta, por exemplo, os recursos que os idosos dispõem ao nível da medicação.

1 – Definição dos Procedimentos Metodológicos

Os métodos e técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos, com o objectivo de produzir resultados na recolha e tratamento da informação adquirida pela actividade de pesquisa. No que concerne, à diversidade de técnicas por nós conhecidas, apenas algumas delas serão efectivamente utilizadas sendo a respectiva selecção condicionada pelo objecto a construir, e com os objectivos que se pretendem alcançar com uma investigação desta natureza.

1.1 - Pergunta de Partida

Para se iniciar um trabalho de investigação é necessário começar por uma pergunta de partida, ou seja, segundo *Rymond Quivy,* "o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência" (2005: 31-32).

Tendo em conta a problemática envolvente, achámos pertinente coloca-la da seguinte forma:

Sabendo que a pobreza é uma realidade que afecta a população de idade avançada em Portugal, será que este fenómeno emerge e manifesta de forma igual nos idosos em situação de isolamento e nos que coabitam com os seus familiares, na Vila de Cucujães?

1.2 - Fundamentação da Problemática de Investigação

A escolha deste tema de investigação tem diversas razões que nos estimulam o seu desenvolvimento.

A população sobre a qual recai esta problemática sempre nos despertou grande interesse, pois as questões relacionadas com a população idosa cada vez mais são motivo de discussão nas sociedades contemporâneas que se encontram em constante mutação.

Outro aspecto que nos leva a desenvolver este tema, diz respeito, ao aumento da população idosa. O envelhecimento demográfico é um fenómeno que se está a

manifestar ao nível mundial, consequentemente a este fenómeno verifica-se a necessidade de se estudar muito bem o tipo de respostas que se podem dar a este tipo de população.

Porem, as questões que se referem à pobreza ligadas aos idosos são relevantes, pois numa sociedade como a nossa, que se encontra em profundos processos de mutação é urgente pensar em estratégias de combate para evitar situações de pobreza neste tipo de população vulnerável. No que concerne à situação de sobrevivência do idoso, a maior parte deles vive com pensão mínima o que significa que tem várias restrições ao nível alimentar, saúde, entre outros aspectos.

Na presente investigação para além da presença de uma análise do foro monetário, será também este acompanhado por uma análise da privação. Todavia, estas duas análises, monetárias/privação são de estrema importância, visto que, na maioria dos estudos/investigações o que se verifica é apenas uma análise do foro monetário. Esta especificidade da investigação contribui para desenvolver uma enorme curiosidade, relativamente aos dados que posteriormente serão recolhidos e tratados.

1.3 - Objectivos da Investigação

A delimitação dos objectivos encontra-se ligado à operacionalização do objecto de investigação no sentido em que através dos primeiros iremos delinear, o nosso posicionamento face à temática em estudo e aos processos operatórios para atingir. Os objectivos encontram-se divididos em objectivos gerais e objectivos específicos.

Em seguida serão apresentados os objectivos que irão orientar toda a investigação.

Objectivo Geral:

- Analisar se o fenómeno da pobreza afecta os idosos, verificando a sua emergência e manifestação nos idosos em situação de isolamento, e nos idosos que coabitam com os seus familiares.

Objectivos Específicos:

- Analisar o risco de pobreza nos domínios monetário e da privação nos idosos em situação de isolamento;

- Analisar o risco de pobreza nos domínios monetário e da privação nos idosos que coabitam com os seus familiares.

- Compreender de que modo o suporte familiar influência o risco de pobreza;

- Verificar se o género tem interferência nos riscos de pobreza;

- Verificar ao nível de privação as variáveis que mais contribuem para o aumento do risco de pobreza;

- Analisar se ao nível de pobreza subjectiva é elevado nos idosos na Vila de Cucujães.

1.4 - Identificação da População Alvo da Pesquisa

A população sobre a qual recai esta investigação é a população com 65 ou mais anos de idade e/ou no caso de ser um agregado familiar que um dos elementos do casal possua idade igual ou superior a 65 anos residente na Vila de Cucujães. A escolha da população de idade avançada, deveu-se ao facto, do fenómeno em investigação ter vindo a manifestar-se com grande intensidade neste grupo populacional.

De acordo, com dados do INE, ficamos a saber que residem nesta Vila aproximadamente 1000 idosos. Consideramos que deste universo, a amostra representativa para a investigação será 100. Porém, da amostra seleccionada por nós para a realização dos questionários, 50 será realizado aos idosos que coabitam com os seus familiares., e os outros 50 aos idosos que se encontram em situação de isolamento.

1.5 - Metodologia/ Instrumentos de Recolha de Dados

De acordo como o autor *António Gil,* a investigação é apresentada, "como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico" (1994: 43). Pretende-se com o desenvolvimento desta investigação responder a uma problemática, onde será utilizado metodologias científicas.

Subsistem três tipos de pesquisa, são: a Exploratória, a Descritiva e a Explicativa. O tipo de pesquisa que mais se adequa a este tipo de investigação é a pesquisa descritiva. Este tipo de pesquisa tem "como objectivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis" *(António Gil,* 1994: 45), pois ambiciona-se descrever o conceito de pobreza e seu impacto na população idosa.

A elaboração de qualquer pesquisa exige um conjunto de técnicas e métodos que serão adaptados, sendo o objectivo fundamental, como já referi acima, "…descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos" *(António Gil,* 1994: 43).

Relativamente aos métodos, existem apenas dois, os Métodos Qualitativos e os Métodos Quantitativos. Na presente pesquisa serão utilizados os dois métodos. Embora, sejam métodos diferentes, tendo cada um os seus objectivos e finalidades, eles complementam-se, permitindo ao investigador ter um conhecimento mais aprofundando da realidade.

No que concerne à recolha de informação para a questão relacionada com a parte teórica ou conceptual da pesquisa, coabitam dois grandes grupos: os referentes a fontes de papel (livros, artigos de jornais, entre outros) e os que são obtidos através de pessoas. Na presente pesquisa será utilizada a Pesquisa Documental e a Pesquisa Bibliográfica que se enquadram no primeiro grupo.

A Pesquisa Bibliográfica, segundo *António Gil,* "é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos" (1994: 71), ou seja, baseada na análise de documentos escritos que já existem sobre esta problemática, que permitem alargar os conhecimentos através de livros, revistas, leis de base entre outros.

De acordo com o autor referido acima, a Pesquisa Documental*,* "vale-se de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objectivos da pesquisa" (1994: 71).

Nesta pesquisa, a amostragem que será utilizada é a amostragem não probabilística. O tipo de amostragem que será utilizado nesta pesquisa, é a amostragem por tipicidade, esta consiste "… em seleccionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população" (*António Gil*, 1995: 97).

Outra das técnicas utilizadas para a recolha de Informação refere-se ao questionário, este é definido "… como a técnica de investigação composta por um

número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objectivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas" *(António Gil,* 1994: 124*).* Segundo o autor existem várias vantagens na utilização desta técnica de recolha de informação.

- tem a capacidade de ser aplicado a um grande número de pessoas;

- tem menores gastos;

- é garantido o anonimato da pessoa à qual se sujeita a responder ao questionário;

- as pessoas têm a possibilidade de responder quando acharem mais conveniente;

- não coloca os pesquisados influências de opinião exteriores à sua.

Como podemos constatar, a utilização desta técnica é bastante vantajosa na recolha da informação que pretendemos recolher para responder à nossa problemática, embora como qualquer técnica também tenha os seus aspectos menos positivos.

O nosso questionário, que pode ser consultado em anexo, encontra-se dividido em dez variáveis, são elas: Caracterização do individuo; Habilitações Literárias; Saúde; Habitação; Conforto e Bens de Equipamentos da habitação; Mercado de Trabalho; Família; Participação Social; Recursos Monetários; Representações. Cada uma destas variáveis é composta por um conjunto de indicadores que tem como objectivo analisar as três dimensões fundamentais desta investigação: a Pobreza monetária; Privação e a Pobreza Subjectiva.

Porém as perguntas do questionário podem ser classificadas como: abertas, fechadas e duplas. As perguntas abertas correspondem às respostas dos inquiridos "… sem qualquer restrição" (*António Gil,* 1994: 127). Já as respostas fechadas como a própria designação, são aquelas que são fixas, por exemplo, "…sim ou não" (*António Gil,* 1994: 127). Por fim as perguntas duplas correspondem aquelas onde existe "… uma pergunta fechada ou aberta, sendo a última frequentemente enunciada pela forma por quê?" *(António Gil,* 1994: 127).

Não nos podemos esquecer da questão relacionada com a observação, pois o autor *António Gil* "… constitui um elemento fundamental para a pesquisa" (1994: 104), por outras palavras, é através desta que a realidade é apreendida. Por essa razão, *Raymond Quivy* (2005: 206), ao falar-nos de observação coloca três grandes questões: Observar o quê? Observar em quem? e Observar como?. São a estas questões elaboradas pelo autor que o investigador vai ter de responder. A observação que será utilizada nesta pesquisa é observação participante, através desta o investigador participa na realidade. Na Observação Participante, o investigador integra-se no grupo que

pretende observar, para tornar-se um actor dessa mesma realidade, ou seja, esta observação, "consiste em estudar uma comunidade (…) participando na vida colectiva", (*Raymond Quivy,* 2005: 197) que permite ao investigador chegar "(…) ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo" *(António, Gil,* 1994: 108).

Rymond Quivy, considera que "… o importante não é apenas recolher informações que traduzam o conceito, mas também obter essas informações de uma forma que permita aplicar-lhes posteriormente o tratamento necessário..." (2005: 206). Como podemos observar através da citação do autor acima, para além da importância que tem a observação na investigação as questões relacionadas com o tratamento de toda a informação recolhida são também importantes. Por essa razão, nesta investigação os dados serão tratados com o programa SPSS.

1.6 - Modelo de Análise

O modelo de análise e a fundamentação teórica relativa ao problema de investigação, são marcos importantes que iram nortear toda a pesquisa, embora este nosso modelo de análise seja ainda de carácter provisório que deve ser verificado. Segundo *Raymond Quivy*, (2005:109), o modelo de análise "constitui a charneira entre a problemática fixada pelo investigador, por um lado, e o seu trabalho de elucidação sobre um campo de análise forçosamente restrito e preciso, por outro."

A tabela nº 6, contem uma das três dimensões que será analisada em toda a investigação, que é a **pobreza monetária**. Esta dimensão é composta apenas por uma variável, recursos económicos, e por quatro indicadores. Pretendemos com ela, analisar todos os aspectos monetários, neste caso os rendimentos que os idosos possuem para fazer face à sua vida.

Tabela nº 6 – Pobreza Monetária

Dimensões	Variáveis	Indicadores
Pobreza monetária	A - Recursos Económicos	A1 – Valor mensal da sua reforma; (Calculo) O rendimento monetário anual líquido vai ser transformado em rendimento por adulto equivalente utilizando a escala de equivalência modificada da OCDE: Peso de 1 – ao 1º adulto Peso de 0,5 – aos restantes adultos Peso de 0,3 – a cada criança menor de 14 anos O rendimento por adulto é obtido dividindo o rendimento líquido de cada família pela sua dimensão em números de adultos equivalentes e o numero atribuído a cada elemento d família. A2 - Recebe outro tipo de prestação social ou complemento (bens alimentares, CSI) para fazer face à sua sobrevivência; A3 - O complemento (bens alimentares, CSI), trouxe-lhe alterações na sua vida; A4 - Como teve conhecimento da existência dessa prestação social ou complemento (bens alimentares, CSI).

A presente investigação utilizará a escala de equivalência modificada da OCDE (INE, 2009: 6). O rendimento anual líquido de um agregado vai ser transformado em rendimento por adulto equivalente, empregando a escala modificada da OCDE. Desta forma o "rendimento por adulto equivalente é obtido dividindo o rendimento líquido de cada família pela sua dimensão em número de adultos equivalentes e o seu valor atribuído a cada membro da família" *(idem).* Esta escala atribui um peso de 1 ao

primeiro adulto de um agregado; 0,5 aos restantes adultos e 0,3 a cada criança menor de 14 anos, dentro de cada agregado, "a utilização desta escala permite ter em conta as diferenças na dimensão e composição dos agregados" *(idem).* Desta forma, a linha de pobreza do limiar de rendimento abaixo do qual se considera que uma família em risco de pobreza, é *a* "proporção cujo rendimento equivalente se encontra baixo da linha de pobreza definida como 60% do rendimento por adulto equivalente" *(idem).* É através destes cálculos e empregando a escala modificada da OCDE que se vai verificar se os idosos se encontram em risco de pobreza ou não.

A segunda dimensão desta investigação corresponde à dimensão da **privação** que se encontra esquematizada na tabela nº 7. A dimensão presente é composta por sete variáveis: Educação e Formação; Saúde; Habitação; Conforto e Bens de Equipamento; Mercado de Trabalho; Família e Participação Social porem dentro de cada variável coabita diversos indicadores que a constituem. Através desta dimensão vamos analisar se os idosos se vêem ou não privados de certos bens.

Tabela nº 7 – Privação

Dimensões	Variáveis	Indicadores
Privação	B – Educação e Formação	B1 – Habilitações Literárias; B2 - Estudar/ Curso.
	C – Saúde	C1 – Estado de saúde em geral; C2 – Doença ou problema crónico; C3 – Consultar um médico, fazer um exame ou tratamento médico; C4 – Consultar um dentista, fazer um exame ou tratamento dentário; C5 – Centro de reabilitação; C6 – Serviços de enfermagem do centro de saúde; C7 – Médico especialista dos hospitais; C8 – Saúde privada; C9 – Deslocamento ao centro de saúde e

		hospitais; C9.1 – Média de gastos nos medicamentos por mês; C9.2 - Medicamentos prescritos na receita médica que o seu médico lhe passa.
	D – Habitação	D5 – Ano de construção do alojamento.
	E – Conforto e Bens de Equipamento	E1 – Conforto básico no interior do alojamento; E2 – Equipamento de apoio ao trabalho domestico; E3 – Equipamento para regular o ar e agua. E4 – Equipamento de comunicação, áudio visual.
	F – Mercado de Trabalho	F1 – Condição perante o trabalho habitual; F2 – Situação profissional; F3 – Agricultura de subsistência.
	G – Família	G1 – Frequência com que estabelece contacto com a família; G2 – Tipo de relação; G3 – Passar mais com a sua família; G4 - Família ajuda sempre que precisa; G5 - Família ajuda nas suas despesas
	H – Participação Social	H1 – Frequência com que sai com os amigos; H2 – Frequência com que conversa com os vizinhos/amigos; H3 – Possibilidade de ter uma semana de ferias fora de casa; H4 - Quem levaria consigo de férias; H5 – Possibilidade de convidar amigos ou familiares para uma refeição uma vez por mês;

		H6 - A sua habitação tem o conforto necessário; H7 - Melhoraria alguma coisa da sua habitação.

Bruto da Costa, refere-se à privação como uma "… situação de carência, que pode resultar da falta de recursos" (2008: 26), por exemplo, um sem abrigo, a fome, entre outros. Podemos concluir que segundo esta definição do autor, a privação pode ser entendida como a não satisfação das necessidades humanas básicas.

Relativamente às questões dos idosos, todos nós sabemos que eles nesta fase da vida de reformados/aposentados são dependentes das suas pensões/reformas mensais para fazer face à sua sobrevivência.

É de extrema importância estudar este domínio denominado de privação, pois a pobreza não se reduz apenas ao domínio "… a critica que alguns fazem ao indicador monetário, contrapondo o facto de que a pobreza é um fenómeno multidimensional, e que, por esse motivo, não pode ser representado por um único indicador " (*Bruto da Costa*, 2008: 30).

Por último e não menos importante, temos a dimensão relativa à **pobreza subjectiva**, composta por uma variável intitulada por representações e por vários indicadores. O que é pretendido com esta dimensão é sabermos a opinião dos idosos em relação às questões da pobreza.

Tabela nº 8 – Pobreza Subjectiva

Dimensões	Variáveis	Indicadores
Pobreza Subjectiva	J - Representações	J1 – A pensão/reforma faz face à sobrevivência; J2 – Classificação da reforma; J3 - Sente-se privado(a) de alguma situação considerada desejável em termos de bem-estar; J4 - Possibilidade de comprar com regularidade peixe;

		J5 - Possibilidade de comprar com regularidade carne; J6 - Possibilidade de comprar com regularidade frutos, legumes e outros hortícolas; J7 - Como classifica os apoios existentes destinados aos idosos, ao nível monetário; J8 - Como considera a sua qualidade de vida; J9 - Qual o número de agregados a residir no seu alojamento; J10 - Vive sozinho(a) por opção própria; J11 - Sente-se só ou isolado(a) por se encontrar a viver sozinho(a); J12 - Costuma sentir-se triste.

A pobreza subjectiva será alvo de estudo nesta investigação, porque consideramos importante fazer uma análise de juízo das pessoas sobre o fenómeno de pobreza. Todavia, também, é pretendido que através deste domínio se tenha uma percepção de como as pessoas encaram este fenómeno e como vivenciam esta situação de pobreza.

1 – Análise e Interpretação dos Dados

1.1 – Resultados

Na presente investigação, foram administrados 100 questionários à população de idade avançada residente na Vila de Cucujães.

Utilizámos como critério para seleccionar a amostra o tipo de coabitação. No presente estudo foram inquiridas 50 pessoas idosas que coabitam com a família (marido; filho(a); neto(a); genro; nora; companheiro(a); sobrinho(a), etc.) e 50 pessoas idosas em situação de isolamento (sozinho(a)).

O objectivo desta distinção entre idosos que vivem em situação de isolamento e idosos que coabitam com a família, desde marido; netos; filhos; genro entre outro, tem como finalidade analisar como o fenómeno de pobreza se manifesta nos dois grupos e suas consequências na vida dos mesmos. Mais à frente serão apresentados os resultados que mostram as diferenças entre ambos os grupos.

1.1.1 – Caracterização Sócio – Demográfica dos Inquiridos

Neste primeiro ponto será apresentada a caracterização sócio – demográfica dos idosos inquiridos ao nível do estado civil; faixa etária; número dos idosos inquiridos por género e as habilitações literárias.

No que concerne ao estado civil dos 100 idosos inquiridos, fizemos uma distinção entre: solteiro; casado; viúvo e divorciado. Desta forma, a tabela n º 9 ilustra o estado civil dos 100 idosos sobre o qual recaiu o nosso estudo.

Tabela nº 9 – Distribuição da População Segundo o Estado Civil por Sexo

Situação	Isolado				Coabitam com Família				Total
	Sexo				Sexo				
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		
	NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI
Viúvo(a)	4	8	39	78	2	4	9	18	**54**
Solteira(a)	0	0	4	8	0	0	2	4	**6**
Casado(a)	0	0	1	2	12	24	24	48	**37**
Divorciado(a)	0	0	2	4	0	0	0	0	**2**
União de Facto	0	0	0	0	0	0	1	2	**1**
Total	**4**		**46**		**14**		**35**		**100**

Fonte: Elaboração própria

Podemos observar na tabela, que a maior incidência dos idosos inquiridos se encontram em situação de viuvez (*NI* = 54), contrapondo com união de facto (*NI* = 1). Ainda é possível constatar que o género feminino apresenta um elevado índice de viuvez, dos 50 idosos em situação de isolamento 39 do género feminino encontram-se em situação de viuvez.

A tabela n º 10 apresenta a caracterização dos idosos inquiridos, relativamente à faixa etária.

Tabela nº 10 – Distribuição da População Idosa Segundo Idade e Sexo

Faixa Etária	Género				Total
	Masculino		Feminino		
	NI	%	NI	%	NI
65-69	7	38,9	24	29,3	**31**
70-74	1	5,6	15	18,3	**16**
75-79	6	33,3	19	23,2	**25**
80-84	2	11,1	18	21,9	**20**
85-89	0	0	6	7,3	**6**
90-94	2	11,1	0	0	**2**
Total	**18**	**100**	**82**	**100**	**100**

Fonte: Elaboração própria

A idade dos idosos por sua vez, apresenta valores *Min* = 65; *Max* = 93 contendo *M* = 74,75. Como se pode observar a faixa etária que mais idoso possui de 65-69 com uma frequência de 31 idosos. Por outro lado, a faixa etária que compreende o idoso entre 90-94 possui apenas 2 idosos.

Os idosos apresentam idades compreendidas entre os 65 e os 93 anos, sendo que 82 idosos são do género feminino e 18 do género masculino.

A tabela n º 10 mostra-nos o número de idosos questionados relativamente ao género. É observado, que a maioria dos idosos inquiridos pertencem ao género feminino (*n* = 82), contrapondo com o género masculino (*n* = 18).

Na tabela n º 11 podemos observar as habilitações literárias dos idosos inquiridos.

Tabela nº 11 – Habilitações Literárias Segundo a Situação de Isolamento/Coabitação com Familiar

		Isolados				Coabitam com Família				Total
		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		
		NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI
Analfabetos		1	2	16	32	2	4	7	14	26
1º Ciclo	Completo	3	6	13	26	7	14	21	42	44
	Incompleto	0	0	15	30	4	8	8	16	27
2º Ciclo	Completo	0	0	2	4	0	0	0	0	2
	Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3º Ciclo	Completo	0	0	0	0	0	0	1	2	1
	Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total		4		46		13		37		100

Fonte: Elaboração própria

A tabela presente permite-nos observar as questões relacionadas com as habitações literárias dos idosos.

Como nos é apresentado, as habilitações dos idosos foram classificadas na presente investigação, desde analfabetos até ao 3º ciclo do ensino básico (9ª classe) não havendo nenhum idoso com o secundário, licenciatura, mestrado ou doutoramento. A maior afluência dos idosos recai sobre a 4ª classe (n=44) e sobre a 3ª classe (n=24), sendo que 26 dos idosos não tem qualquer habilitação literária. Depreendemos desta análise, que as habilitações literárias dos idosos inquiridos são baixas.

1.1.2 – Índice de Privação

Na presente investigação, classificamos cada indicador com uma variância entre 0 e 1. Sendo que 0 indica a ausência de privação, o 0,5 privação parcial e 1 privação. A variável é composta pela média dos indicadores. Assim pontuações de 1 indicam privação e 0 ausência de privação.

Ao longo de toda a investigação foram estudadas de forma aprofundada três grandes dimensões, são elas: **pobreza monetária; privação e a pobreza subjectiva**. Cada dimensão é formada por variáveis que resultam da combinação de diferentes indicadores.

Neste ponto vamos analisar as várias questões que o fenómeno de privação pode acarretar na vida do idoso. Será também apresentada uma abordagem específica de cada índice referente às sete variáveis que compõe a o índice de privação.

A dimensão **privação** é composta por sete variáveis, são elas: Educação (composta por 2 indicadores); Saúde (composta por 9 indicadores); Habitação (composta por 3 indicadores); Conforto e Bens de Privação (composta por 4 indicadores); Mercado de Trabalho (composta por 1 indicador); Família (composta por 5 indicadores) e a Participação (composta por 4 indicadores).

Tabela nº 12 – Índice de Privação Segundo a Situação de Isolamento e Coabitação com Familiares e Género

Variáveis	Isolados	Coabitam com Família	Agregado	Feminino	Masculino	Agregado
Educação	0,200	0,220	0,420	0,320	0,100	0,420
Saúde	0,320	0,280	0,600	0,530	0,070	0,600
Habitação	0,170	0,060	0,230	0,220	0,010	0,230
Conforto e Bens de Equipamento	0,430	0,360	0,790	0,660	0,130	0,790
Mercado de Trabalho	0,240	0,400	0,640	0,520	0,120	0,640
Família	0,180	0,140	0,320	0,270	0,050	0,320
Participação Social	0,420	0,290	0,710	0,630	0,080	0,710
Índice agregado de privação	**0,280**	**0,250**	**0,530**	**0,450**	**0,080**	**0,530**

Fonte: Elaboração própria

À excepção da habitação, família e educação, o índice das outras variáveis é bastante superior nos idosos isolados. Relativamente aos idosos que coabitam com familiares, verificamos que à excepção da habitação, família, o índice das outras variáveis é superior.

No que concerne ao género feminino e masculino, verificamos que o género feminino tem maior índice de privação em todas as variáveis, visto que, os índices do género masculino são relativamente baixos em relação ao género feminino.

Os dados apresentados na tabela n º 12 apresentam os índices das variáveis que compõem a dimensão de privação. Das sete variáveis que constituem a dimensão privação a que apresenta um maior índice relativamente aos idosos isolados é o conforto bens e equipamento (*M* = 0,430), seguida pela variável participação social (M = 0,420). No que concerne aos idosos que coabitam com familiares a variável que apresenta maior índice corresponde ao mercado de trabalho (*M* = 0,400), encontrando-se em segundo lugar a variável conforto bens de equipamento (M = 0,360). A variável habitação, apresenta o índice mais baixo nos idosos em situações de isolamento (M = 0,170), relativamente aos idosos que coabitam com familiares o seu índice mais baixo corresponde à variável habitação (M = 0,060).

A variável conforto bens e equipamento (M = 0,660) é a mais elevada no que diz respeito ao género feminino, sendo que, a variável habitação (M = 0,220) é a mais baixa. O género masculino apresenta maior índice na variável mercado de trabalho (M = 0,120) e menor na variável habitação (M = 0,010).

Relativamente à dimensão *habitação*, verificou-se que 100 idosos inquiridos, 64 possuem casa própria e 36 possuem casa arrendada, desta forma constatamos que o seu índice é relativamente baixo (M = 0,230). Não obstante a estes resultados poderem apresentar a inexistência de privação ao nível desta dimensão, ao tomarmos em consideração que muitos dos idosos vivem em habitações antigas e com poucas condições, a situação muda de figura, revelador do anteriormente referido são os discursos dos próprios idosos. De uma forma geral, "as condições dos alojamentos apresentam-se mais desfavoráveis nos agregados com idosos, destacando-se pela negativa os idosos a viver sós" (*Cristina Gonçalves; Catarina Silva*, 2004: 149). Os seus discursos são eloquentes, "…está velha e é pequena"[3]; "… é antiga, mas

[3] Todas as citações referentes aos idosos foram retiradas dos questionários realizados à população de idade avançada da Freguesia de Cucujães.

arranjadinha"; "podemos afirmar, que se verifica por parte dos idosos um conformismo "tenho o que preciso para levar a minha vida"; "… por agora serve".

Quando os questionamos se melhorariam alguma coisa na sua habitação, a maioria responde que sim, "tudo, tenho janelas sem vidros, entra o frio mesmo com tudo fechado".

Ao nível da *participação social* (M = 0,710), fixando-se no segundo maior índice de privação, mostra que 56 idosos não saem de casa ou não vão de férias por motivos de saúde ou económicos. É no género feminino que se observa um elevado índice de privação no que corresponde a este índice.

Facilmente concluímos que a maioria dos idosos leva uma vida solitária principalmente os que vivem sozinhos em suas habitações, "não tenho companhia, se não for comprar pão não falo com ninguém"; "gostava de ter companhia"; "choro muito".

Muitos idosos, nesta fase de vida preferem não interferir na vida dos filhos ou familiares, pois pensam que são um incomodo para os outros e optam por sofrer no seu recanto. Porém o papel que a família é fundamental, pois "através da convivência familiar aprende-se e encontra-se os apoios para satisfazer as necessidades e dar resposta aos problemas" (*Cristina Imaginário*, 2008: 69). O índice de privação da *família* apresenta-se um pouco baixo em ambas as situações, idosos isolados (*M* = 0,180) e nos idosos que coabitam com familiares (*M* = 0,140). Por outro lado, alguns dos idosos inquiridos referiram que para além de ter a sua vida ainda ajudam os filhos no que podem e que os mesmos muitas vezes não têm como ajudar os pais. Convém salientar que existem algumas situações inversas, em que são os filhos que ajudam os pais, como por exemplo a nível alimentar.

Outra questão que realizámos aos idosos, em especial aos isolados, foi saber se estes vivem sozinhos(as) por opção própria. Dos 50 idosos em situação de isolamento, 44 responderam que sim e apenas 6 responderam que não. Os idosos que responderam sim, justificaram a sua resposta dizendo que, "não posso exigir que venham para a minha beira"; "cada filho tem a sua vida"; "os meus filhos têm as dificuldades deles"; "tem de ser, não tenho outra escolha". Relativamente aos idosos que responderam não, vivem sozinhos não por opção própria, justificam-na dizendo que, "não tenho quem fique comigo"; "tenho de estar, o meu filho não possibilidades". Os discursos dos idosos mostram-nos uma realidade bastante diferente das respostas dadas pelos mesmos, ou seja, dos seus discursos podemos averiguar que os idosos vivem sozinhos porque não têm outra opção e não por uma escolha sua.

Contudo, temos de ter em conta que os idosos que vivem com suporte familiar não manifestam que não se sintam sozinhos, pelo contrário, alguns idosos com suporte familiar afirmaram que cada um tem e faz a sua vida independente, "vivemos juntos, mas cada um faz a sua vida"; "cada um tem o seu trabalho e só à noite é que estamos todos juntos". No que concerne a este fenómeno de isolamento, temos de ter em consideração que, "no domínio da estrutura e função familiar, o idoso pode confrontar-se com o isolamento, resultante da sua própria vontade ou por imposição familiar (…) vai deixando de se relacionar com as pessoas e aos poucos incorpora a imagem de inutilidade" (*Cristina Imaginário*, 2008: 70).

Embora, todo este cenário apresentado seja um pouco negativo, também nos deparamos com casos bastante positivos, em que os familiares, desde marido; filhos; netos ou outro dão muita atenção aos seus idosos, "gosto muito da companhia da minha família"; "é sempre bom estar com quem gostamos".

Observamos, um consenso em todos os questionários realizados aos idosos, quando perguntamos se gostaria de passar mais tempo com a sua família, todos os idosos responderam que sim. Este consenso verifica-se, na sociedade actual, pois tem se verificado grandes mudanças que "… conduziram ao aparecimento de uma nova problemática: o abandono de muitas funções que tradicionalmente eram da responsabilidade da família …" (*Cristina Imaginário*, 2008: 68). Nas sociedades contemporâneas, o principal valor recai sobre o trabalho havendo uma desvalorização do papel da família.

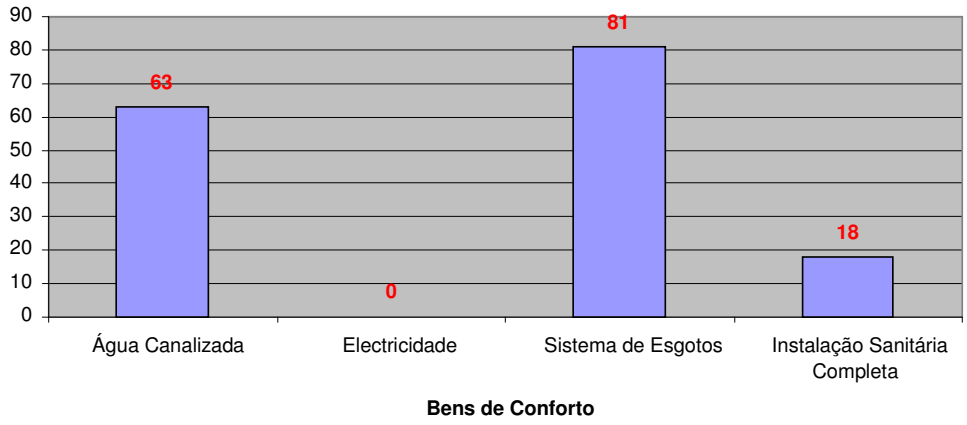
Relativamente à *educação*, a diferença que se estabelece entre os idosos isolados M = 0,200 e os idosos que coabitam com familiares, M = 0,220 é pequena. Este índice, não evidencia que os idosos tenham grandes habilitações literárias, pelo contrário o que se observou nos questionários é que a maioria dos idosos apenas possui a escolaridade básica, que diz respeito ao 4ºano. Ao referimo-nos à baixa escolaridade dos idosos, não nos podemos esquecer que antigamente ter a 4ª classe já era considerado bastante bom. Porém, esta baixa escolaridade influência de uma certa maneira o valor da reforma/pensão que o idoso nesta fase da vida possui, que por sua vez, se reflecte no dia-a-dia do mesmo. Mais uma vez o género feminino (M = 0,320) apresenta um índice mais elevado do que o género masculino (M = 0,100), a sua diferença é bastante visível. Contudo nesta dimensão, se tomássemos só em consideração as habilitações literárias dos idosos o seu índice seria mais elevado.

Ao nível do índice de *Conforto e Bens de Equipamento*, deparamo-nos com o índice mais elevado das variáveis que compõem a dimensão de privação. Os idosos

isolados *M* = 0,430 e idosos que coabitam com familiares *M* = 0,360 apresentam índices bastante elevados, observando-se uma relativa diferença entre ambos os idosos. A mesma situação se verifica com o género, como podemos observar o género feminino (M = 0,660) apresenta um índice muito mais elevado do que o género masculino (M = 0,130). Neste índice, analisamos se os idosos possuem ou não equipamentos de conforto básico no interior do alojamento; equipamentos de apoio ao trabalho doméstico; equipamentos para regular o ar e água e equipamentos de comunicação, áudio e vídeo.

O gráfico nº 4 apresenta-nos os equipamentos de conforto básico, composto pelos seguintes: água canalizada; electricidade; sistema de esgotos e instalação sanitária completa.

Gráfico nº 4 – Equipamentos de Conforto Básico

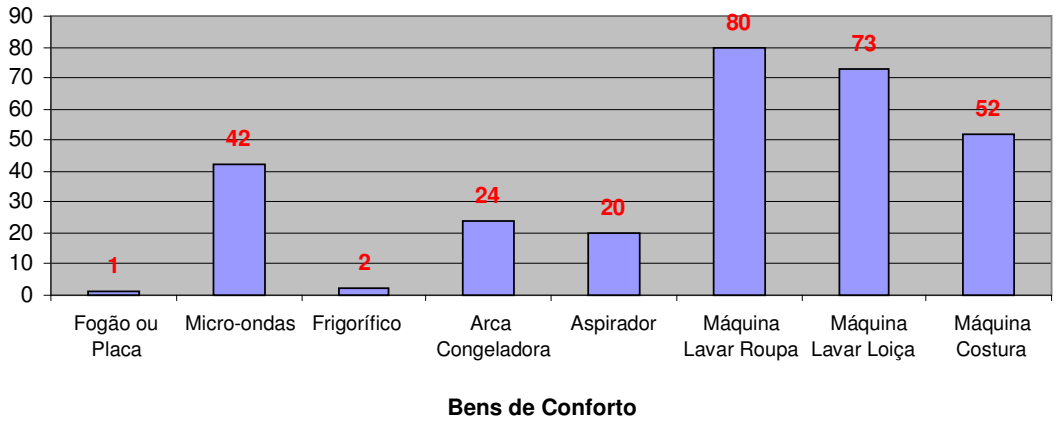


Fonte: Elaboração própria

No presente gráfico, podemos observar que 81 idosos não possuem sistema de esgotos, utilizam ainda os sistemas de fossas, estando este sistema um pouco antiquado persiste ainda na freguesia principalmente na população de idade avançada, visto que, não têm posses para colocarem sistema de esgotos nas suas residências. Relativamente à arca congeladora, 63 não possuem este tipo de equipamento e 18 idosos não têm instalação sanitária completa. Todos os idosos possuem um bem essencial, electricidade.

O gráfico nº 5, refere-se a oito equipamentos de apoio ao trabalho doméstico.

Gráfico nº 5 – Equipamentos de Apoio ao Trabalho Doméstico

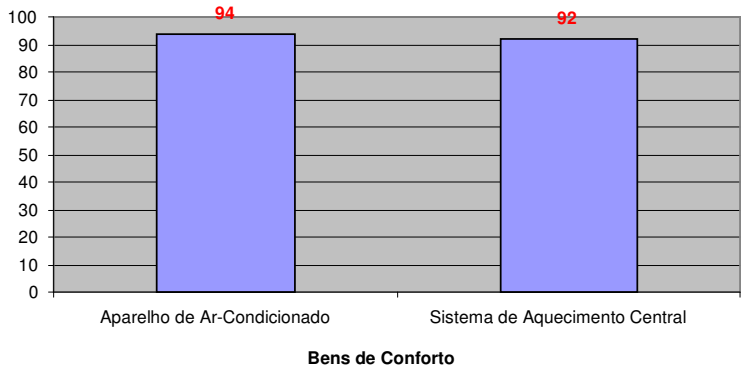


Fonte: Elaboração própria

O gráfico, permite-nos observar que os equipamentos como a máquina de lavar roupa n = 80; máquina de lavar loiça n = 73 e a máquina de costura n = 52 são os equipamentos que menos possuem os idosos. Contrariamente aos dados já referidos, é possível enxergar que 99 idosos possuem um fogão ou placa e 98 possuem frigorífico, sendo ambos os equipamentos essenciais para o dia-a-dia dos idosos. Existem estudos de diversos autores, que nos mostram o elevado desfavorecimento dos idosos relativamente aos bens e equipamentos domésticos, "a análise de determinados bens e equipamentos de uso doméstico, alguns deles essenciais para um nível mínimo de conforto, confirma a situação de privação de boa parte destes agregados" (*Cristina Gonçalves*; *Catarina Silva*, 2004: 150), como por exemplo máquina de lavar roupa. Esta análise vai ao encontro dos resultados acima apresentados (gráfico nº 5), que nos possibilita observar que um elevado índice de privação em determinados bens e equipamentos de uso doméstico.

O seguinte gráfico ilustra-nos os equipamentos de regular o ar e água.

Gráfico nº 6 – Equipamentos de Regular o Ar e Água

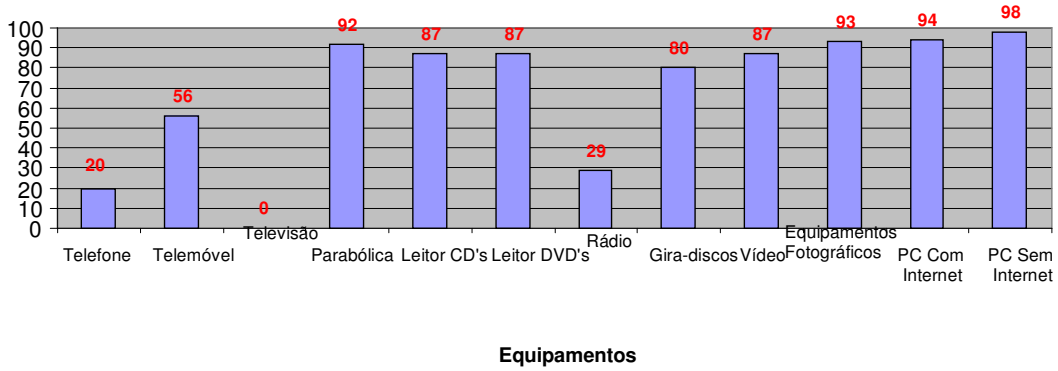


Fonte: Elaboração própria

Deste conjunto de equipamentos analisados, observamos que possuem um elevadíssimo índice, 94 idosos não possuem aparelho de ar condicionado e 92 idosos não possuem o sistema de aquecimento central. Desta forma, podemos concluir que os idosos não dão muito valor a este tipo de equipamentos dando preferência a outros.

O gráfico nº 7 ilustra-nos os equipamentos de comunicação, áudio e vídeo.

Gráfico nº 7 – Equipamentos de Comunicação, Áudio e Vídeo

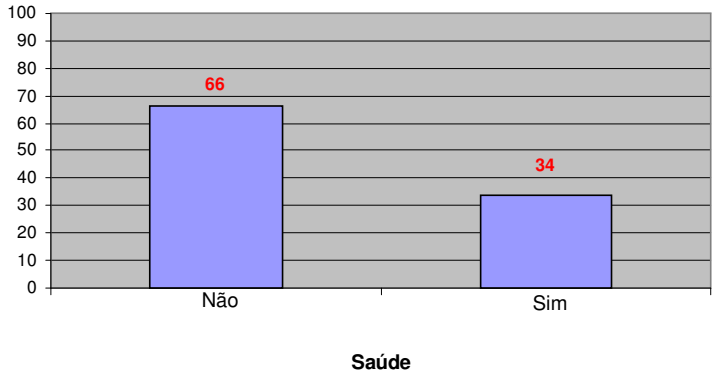


Este gráfico apresenta-nos um elevado índice de determinados equipamentos, apenas o telefone n = 20; televisão n = 0 e o rádio n = 29 apresentam índices baixos mostrando, desta forma, que estes três equipamentos são os que os idosos possuem mais. Temos de atribuir à televisão a sua devida importância, visto que, todos os idosos

possuem televisão, este equipamento é um instrumento de entretenimento e de passatempo dos idosos. Porém, o maior índice recai sobre os computadores com e sem internet, verificando-se que os idosos não dão importância às questões das novas tecnologias.

Relativamente ao índice de *saúde*, observamos que os idosos que se encontram em situação de isolamento (*M* = 0,320) possuem um índice um pouco mais elevado em relação aos idosos que coabitam com familiares (*M* = 0,280). Porém, a diferença entre o índice de saúde acentuasse quando nos referimos às questões de género, desta forma, os idosos de género feminino (*M* = 0,530) apresentam um maior índice em relação aos idosos de género masculino (*M* = 0,070). Esta diferença, como podemos observar através dos valores mostra-nos que o género feminino recorre com mais frequência a consultas médicas. Podemos fundamentar este elevado índice da presente dimensão (*M* = 0,600) através dos dois seguintes gráficos.

Gráfico nº 8 - Consultas no Dentista

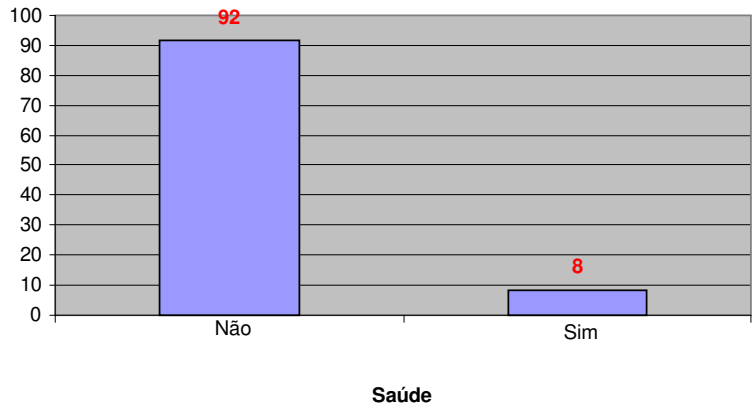


Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito a consultas no dentista, deparamo-nos com um cenário um pouco negativo, isto é, 66 idosos responderam que não frequentam contra 34 idosos, "as finanças são fracas"; "é caro". Esta análise permite-nos constatar que os idosos não recorrem com frequência aos dentistas, porque acham caro.

O seguinte gráfico mostra-nos se idosos recorrem ou não à saúde privada.

Gráfico n º 9 – Recorre com Frequência à Saúde Privada



Fonte: Elaboração própria

Ao analisarmos este gráfico é possível observarmos que 92 idosos não recorrem à saúde privada contra 8 idosos que o fazem. Os idosos não recorrem á saúde privada, porque consideram caro e não têm dinheiro para o fazer.

Por último, encontramos a variável correspondente ao *mercado de trabalho* que nos apresenta uma diferença entre a situação de isolamento (M = 0,240) e a coabitação com familiares (M = 0,400). Esta variável é a que apresenta o maior índice de privação da tabela. Nesta dimensão, foi analisada a possibilidade dos idosos terem ou não uma agricultura de subsistência, 64 idosos responderam que não possuem uma agricultura de subsistência e 36 idosos têm a possibilidade de terem. Relativamente aos idosos que têm a possibilidade de terem uma agricultura de subsistência, consideram-na como uma grande ajuda nas suas vidas, pois não precisam de comprar produtos hortícolas poupando desta forma algum dinheiro.

A tabela nº 12, para além dos dados já analisados, apresenta-nos o índice de privação segundo o género. Como podemos observar nos dados a maior incidência do fenómeno de privação recai sobre o género feminino. Este fenómeno vem ao encontro das teorias já existentes, visto que, uma maioria dos autores defende que o índice de pobreza é maior no género feminino.

O índice referente ao nosso estudo mantém-se na mesma direcção da autora *Maria Mendes* et al, "Being a woman increases the probability of being poor, even though the values between men and women do not show major differences: while among women poverty assumes 19,6% of the total, in the opposite sex only 17,5% were

in a poverty condition" (2005: 8). Porém a diferença que existe no nosso índice de pobreza por género não é tão grande entre género feminino e género masculino.

A nossa investigação também vai ao encontro da análise de *Asghar Zaidi* que, defende que a diferença na distribuição do risco de pobreza por género é pequena "On the other hand, in Portugal, Spain, Belgium, Malta, Denmark, France, Slovakia, the Netherlands and Luxembourg, the differences between the at-risk-of-poverty rates of male females elderly are relatively small" (2006: 6).

Podemos justificar os resultados presentes salientando várias questões, uma delas está relacionada com a esperança média de vida no nosso país. As mulheres têm uma longevidade maior que os homens, logo a probabilidade de ficarem viúvas é maior do que no sexo oposto. Desta formar as mulheres passam a receber uma pensão de viuvez face à morte do marido. É essa pensão de viuvez que acaba por influenciar e aumentar a reforma das idosas, mas não o suficiente para diminuir o índice de pobreza no género feminino.

Em relação à esperança média de vida do nosso país o *INE,* comprova o que foi dito no parágrafo acima, em que as mulheres têm maior esperança média de vida do que os homens, "Desde o inicio da década até 2008 a esperança média de vida à nascença aumentou 2,26 anos para ambos os sexos, 2,46 anos para os homens e 2,05 anos para as mulheres, estimando-se para o período 2006-2008 uma esperança média de vida à nascença de 75,49 anos para homens e 81,74 para mulheres" (2009: 2).

1.1.3 – Índice de Pobreza Monetária

Este ponto destina-se a analisar a parte económica da vida dos idosos.

Neste índice, constam os cálculos realizados às reformas dos idosos inquiridos com o objectivo de verificarmos se os mesmos se encontram em risco ou ausência de pobreza, bem como uma análise comparativa da Taxa do Risco de Pobreza segundo o sexo e situação de isolamento ou de coabitação com família.

A taxa do risco de pobreza corresponde aos rendimentos anuais por adulto equivalente inferior a €4 878 relativamente ao ano 2007 (*INE*, 2009: 1). No que concerne, à linha de pobreza relativa, esta encontra-se situada nos 60% da mediana da distribuição do rendimento monetário (*INE*, 2009: 1). Contudo, neste estudo foi utilizada a Escala de equivalência modificada da OCDE e através dela ficamos a conhecer se os idosos da amostra se encontravam ou não em situação de pobreza. Desta forma o "rendimento por adulto equivalente é obtido dividindo o rendimento líquido de cada família pela sua dimensão em número de adultos equivalentes e o seu valor atribuído a cada membro da família" (*INE*, 2009: 6). Esta escala atribui um peso de 1 ao primeiro adulto de um agregado; 0,5 aos restantes adultos e 0,3 a cada criança menor de 14 anos, dentro de cada agregado, "a utilização desta escala permite ter em conta as diferenças na dimensão e composição dos agregados" (*INE*, 2009: 6). Neste sentido, a linha de pobreza monetária situa-se em €406,5 por mês.

Tabela nº 13 – Taxa do Risco de Pobreza Segundo a Situação de Isolamento e Coabitação com Família

Situação		Isolados		Coabitam com Familiares		Total
		NI	%	NI	%	NI
Pobreza Monetária	Risco de Pobreza	28	56	26	72	**54**
	Ausência de Pobreza	22	44	24	28	**46**
Total		**50**		**50**		**100**

Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar a tabela mostra-nos os idosos que se encontram em risco ou ausência de pobreza segundo a Situação de Isolamento e Coabitação com Família.

Relativamente aos idosos que habitam com familiares, segundo os dados da tabela nº13, permite-nos observar que dos 50 idosos que coabitam com familiares, 26 encontram-se em risco de pobreza (72%), isto significa que os rendimentos destes idosos são inferiores a €610 e 24 idosos possuem rendimentos superiores a €610.

De acordo com os 50 idosos que se encontram em situação de isolamento, deparamo-nos que 28 (56%) idosos se encontram em risco de pobreza contendo rendimentos inferiores a €406,50 e 22 idosos em ausência de pobreza.

Dos dois agregados presentes, é possível observar que os idosos isolados apresentam uma situação mais desfavorecida em relação aos idosos que coabitam com familiares. Nesta mesma linha, *Cristina Gonçalves* e *Catarina Silva*, vão ao encontro dos dados apresentados, "o critério mais comum em medições de pobreza assentes no rendimento (60% da mediana), verifica-se que os agregados constituídos por um idoso a viver só, registam a taxa de pobreza segundo o rendimento mais elevada…" (2004: 150).

Podemos depreender desta análise que, em ambas as situações de isolamento e coabitação com familiares o número de idosos em risco de pobreza é bastante elevado em relação ao número de idosos que se encontram em ausência de pobreza. Desta forma, 54 idosos vivem em risco de pobreza e 46 em ausência de pobreza.

A tabela seguinte ilustra-nos a taxa do risco de pobreza segundo o género, nela é possível comparar o risco de pobreza relativamente ao género feminino e masculino.

Tabela nº 14 – Taxa do Risco de Pobreza Segundo o Género

Situação		Feminino		Masculino		Total
		NI	%	NI	%	NI
Pobreza Monetária	Risco de Pobreza	48	68,3	6	44,4	**54**
	Ausência de Pobreza	34	31,7	12	55,6	**46**
Total		**82**		**18**		**100**

Fonte: Elaboração própria

A tabela permite-nos observar uma diferença notável entre o número de idosos em risco e ausência de pobreza. Concluímos que o risco de pobreza incide com grande frequência mais no género feminino (n = 48) do que no género masculino (n = 6).

O valor da reforma dos idosos isolados é bastante inferior (*M* = 392,240) ao valor da reforma dos idosos que coabitam que com familiares (*M* = 646,080). Desta forma e segundo os valores de reforma presentes, depreendemos que o idoso isolado se encontra em risco de pobreza, visto que, segundo o INE a taxa do risco de pobreza corresponde aos rendimentos anuais por adulto equivalente inferior a €4 878 o que corresponde a €406,5 por mês. O mesmo não se verifica com o valor agregado da reforma (*M* = 646,080) dos idosos que coabitam com a família (neste incluímos o valor da reforma/pensão do idoso com a sua esposa/companheiro ou vise versa, não constando qualquer valor monetário de outro familiar), pois, se tivermos em consideração a escala de equivalência modificada da OCDE estes idosos, apresentam uma média superior a €610 não apresentando uma taxa do risco de pobreza.

O valor das reformas segundo o género feminino e masculino, apresentam um cenário bastante diferencial entre os géneros. Desta forma, o género feminino (*M* = 473,427) apresenta valores ao nível monetário bastante inferiores em relação ao género masculino (M = 727,500). Por outro lado, estes dados mostram-nos que o género feminino tem maior probabilidade de risco de pobreza.

Relativamente à dimensão presente, verificamos que 8 dos 100 idosos inquiridos para além de possuírem a sua reforma para fazer face à sua sobrevivência têm outras fontes de rendimento, como por exemplo casas arrendadas. Porém estes idosos não quiseram fazer referência ao valor das rendas com medo que divulgássemos as suas situações e fossem penalizados de alguma forma.

1.1.4 – Pobreza Subjectiva

O ponto que se segue destina-se exclusivamente à análise da pobreza subjectiva.

Esta dimensão de **pobreza subjectiva** (*M* = 0,790) apresenta o índice mais elevado das três dimensões analisadas na presente investigação. Não retirando o relevo de cada dimensão analisada na presente investigação, pois todas são importantes, esta tem um peso muito grande, visto que, nesta consta o carácter subjectivo de cada idoso. Ou seja, foi realizado um conjunto de questões, onde foi pedida a opinião do idoso sobre o fenómeno da pobreza e como o idoso se posiciona perante a sua reforma/pensão.

Numa primeira aproximação a esta dimensão, verificamos que o índice de pobreza subjectiva é o mais elevado nos idosos isolados (M = 0,430) do que nos idosos que coabitam com familiares (M = 0,360). Não obstante os idosos que coabitam com familiares consideram-se menos pobres que os idosos que se encontram em situação de isolamento.

De seguida será apresentado a análise das questões que compõem o índice de pobreza subjectiva.

Quando questionamos os idosos se as suas reformas faziam face à sua sobrevivência, 66 respondeu que não e 33 respondeu que sim.

Tabela nº 15 – A Reforma Faz Face à sua Sobrevivência

	Rede				Género				Total
	Isolados		Coabitam com Familiares		Feminino		Masculino		
	NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	
Não	36	72	30	60	50	61,7	16	88,9	66
Sim	14	28	19	40	31	38,3	2	11,1	33
Total	50	100	49[4]	100	81	100	18	100	100

Fonte: Elaboração própria

A tabela n º 15, permite-nos observar que 66 idosos consideram que as suas reformas não dão para o seu dia-a-dia, "para a classe que vivo não dava, o que me ajuda

[4] A idosa não respondeu à questão, porque não recebe qualquer pensão, o casal vive apenas com a reforma do marido.

são as rendas"; "é fazer muito, muito sacrifício para chegar ao dia 20 e ter para o leite e pão".

Contrapondo com 33 idosos que expressaram que a sua reforma dá para a sua sobrevivência, "é baixa, mas tenho de remediar, mas há meses que não dá"; "sim, tenho de tentear as coisas muito bem"; "apertadinha vai chegando"

Uma questão que recebeu bastante equidade ao longo de todos os questionários foi quando perguntámos aos idosos se classificava a sua reforma de muito alta; alta; razoável; baixa ou muito baixa.

Tabela nº 16 – Como Classifica a sua Reforma

	Rede				Género				Total
	Isolado		Coabita com familiares		Feminino		Masculino		
	NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI
Alta	1	2	2	4	0	0	3	16,7	**3**
Razoável	15	30	15	30	23	28,75	7	38,9	**30**
Baixa	14	28	23	46	31	38,75	6	33,3	**37**
Muito Baixa	20	40	8	16	26	32,5	2	11,1	**28**
Total	50	100	48	96	80	100	18	100	**98**

Fonte: Elaboração própria

Muitos idosos, responderam que a sua reforma é baixa ou então muito baixa para fazer face ao seu dia-a-dia (n=65). Perante esta situação, facilmente encontramos o descontentamento dos idosos em relação à reforma que recebem mensalmente para fazer face à sua sobrevivência, "havia de haver mais, mas ainda há muitos que não têm nada"; "tenho muitas despesas"; "sim é pouco dinheiro". Apenas 33 idosos consideram a sua reforma como sendo alta ou razoável

Contrapondo com os dados acima onde verificamos o descontentamento dos idosos e influenciando o índice de pobreza subjectiva, deparamo-nos com uma questão que nos mostra que 72 idosos não se sentem privados.

Tabela nº 17 – Sente-se Privado(a) de Alguma Situação Considerada Desejável em Termos de bem-estar

	Rede				Género				Total
	Isolado		Coabita com Família		Feminino		Masculino		
	NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI
Não	31	62	41	82	57	69,5	15	83,3	72
Sim	19	38	9	18	25	30,5	3	16,6	28
Total	50	100	50	100	82	100	18	100	100

Fonte: Elaboração própria

Como nos apresenta a tabela n º 17, existe uma grande controvérsia entre os dados, pois 72 afirmam que não sentem privados de alguma situação considerada desejável em termos de bem-estar, contra 28.

As questões culturais podem acarretar de alguma maneira influência sobre respostas dos idosos, visto que os idosos se contentam com pouco na fase de vida e pensam essencialmente em poupar.

A tabele n º 18, apresenta-nos mais duas questões realizadas aos idosos: se consideram que a habitação tem o conforto necessário e se melhorariam alguma coisa na sua habitação.

Tabela nº 18 – Conforto e Condição na Habitação

Questão		Rede				Género				Total
		Isolado		Coabita com Família		Feminino		Masculino		
		NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI
Habitação tem o conforto necessário	Sim	37	74	44	88	67	81,7	14	77,8	**81**
	Não	13	26	6	12	15	18,3	4	22,2	**19**
Total		**50**	**100**	**50**	**100**	**82**	**100**	**18**	**100**	**100**
Melhoraria alguma coisa da sua habitação	Não	35	70	43	86	63	76,8	15	83,3	**78**
	Sim	15	30	7	14	19	23,2	3	16,7	**22**
Total		**50**	**100**	**50**	**100**	**82**	**100**	**18**	**100**	**100**

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar nas respostas dos idosos a discrepância entre os dados das duas questões não é muita, embora cada questão apresente uma grande diferença entre o não e o sim. A primeira questão refere-se à opinião dos idosos em relação ao conforto da sua casa, nesta questão 19 idosos responderam que a sua habitação não tem o conforto necessário e 81 responderam que tem. Na segunda questão apresentada na tabela, foi perguntado ao idoso se este melhoraria alguma coisa na sua habitação, e 78 responderam que não e 22 responderam que sim. Com estas duas questões vamos novamente ao encontro da ideia de que os idosos se contentam com o que têm.

Já a tabela n º 19 ilustra-nos a possibilidade que os idosos têm em comprar peixe, carne, furta/legumes

Tabela nº 19 – Possibilidade de Comprar Peixe, Carne, Fruta/Legumes

		Rede				Género				Total
		Isolado		Coabita com Família		Feminino		Masculino		
		NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI
Possibilidade de comprar peixe	Sim	38	76	43	87,7	69	85,2	12	66,7	**81**
	Não	7	14	4	8,2	9	11,1	2	11,1	**11**
	Outro[5]	5	10	2	4,1	3	3,7	4	22,2	**7**
Total		50	100	49	100	81	100	18	100	**99**
Possibilidade de comprar carne	Sim	41	82	45	90	73	89	13	72,2	**86**
	Não	4	8	3	6	6	7,3	1	5,6	**7**
	Outro[6]	5	10	2	4	3	3,7	4	22,2	**7**
Total		50	100	50	100	82	100	18	100	**100**
Possibilidade de comprar fruta, legumes	Sim	39	78	47	94	71	86,6	15	83,3	**86**
	Não	6	12	2	4	8	9,8	0	0	**8**
	Outro[7]	5	10	1	2	3	3,6	3	16,7	**6**
Total		50	100	50	100	82	100	18	100	**100**

Fonte: Elaboração própria

Os dados permitem-nos concluir que 81% dos idosos tem possibilidade de comprar peixe contra 11% e 86% tem possibilidade de comprar carne e fruta/legumes.

Desta forma, em relação aos bens alimentares e à possibilidade dos idosos comprarem com alguma regularidade peixe, carne, fruta e produtos hortícolas, ficou muito bem vincado que uma grande parte dos idosos tem possibilidade de comprar com regularidade os mesmos, mas com muita dificuldade, "não posso comer só carne"; "longe a longe, porque é caro"; "compro, mas é do mais barato". Embora se verifique uma grande possibilidade dos idosos comprarem os géneros alimentares referidos, não significa que estes comprem. Uma situação curiosa que observamos nos questionários é

[5] O idoso recebe ajuda de familiares ou serviço de apoio ao domicílio.

[6] O idoso recebe ajuda de familiares ou serviço de apoio ao domicílio.

[7] O idoso recebe ajuda de familiares ou serviço de apoio ao domicílio.

que alguns idosos compram os géneros alimentares mais baratos, pois não têm dinheiro para comprar do mais caro, "como peixe, mas compro do mais barato".

Quando questionamos os idosos sobre a sua qualidade de vida, verificamos que havia respostas de todo o género.

Tabela nº 20 – Como Considera a sua Qualidade de Vida

	Rede				Género				Total
	Isolado		Coabita com família		Feminino		Masculino		
	NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI
Muito Bom	1	2	6	12	4	4,8	3	16,7	**7**
Bom	17	34	24	48	34	41,5	7	38,9	**41**
Razoável	17	34	20	40	29	35,4	8	44,4	**37**
Mau	15	30	0	0	15	18,3	0	0	**15**
Total	50	100	50	100	82	100	18	100	**100**

Fonte: Elaboração própria

Desta forma, segundo a tabela n º 20, observamos que 48 idosos consideram tem uma muito boa/boa qualidade de vida contra 15 que consideram ter uma má qualidade de vida. Porém 15 idosos consideram a sua qualidade de vida razoável.

As opiniões dos idosos em relação aos apoios monetários destinados aos mesmos são variadas. A tabela que se segue apresenta-nos a classificação dos idosos em relação aos apoios monetários destinados aos mesmos

Tabela nº 21 – Como Classifica os Apoios Existentes Destinados aos Idosos, ao Nível Monetário

	Rede				Total		Género				Total	
	Isolado		Coabita com família				Feminino		Masculino			
	NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI	%	NI	%
Muito Bom	0	0	4	4,1	**4**	4,1	4	4,1	0	0	**4**	4,1
Bom	1	1,0	0	0	**1**	1,0	1	1,0	0	0	**1**	1,0
Razoável	16	16,0	32	32,7	**48**	49,0	38	38,8	10	10,2	**48**	49,0
Mau	16	16,0	12	12,2	**28**	28,6	22	22,4	6	6,1	**28**	28,6
Muito Mau	16	16,0	1	1,0	**17**	17,3	16	16,3	1	1,0	**17**	17,3
Total	49	50,0	49	50,0	**98**	100,0	81	82,7	17	17,3	**98**	100,0

Fonte: Elaboração própria

Como nos mostra a tabela, o maior aglomerado da tabela recai sobre a opção razoável, com uma percentagem de 48 idosos que classificaram os apoios monetários destinados aos mesmos como razoáveis, sendo seguida pela classificação má com 12%. Relativamente ao género, a tabela ilustra que 38,8% do género feminino classificou os apoios como razoáveis, contra 1% que os classificou como maus, sendo que a mesma situação acontece com o género masculino.

Observamos que os apoios existentes para este tipo de população especifica são razoáveis ou maus, afirmando que, "podiam ser mais e melhores". Justificam-no dizendo que trabalharam uma vida inteira e que nesta fase de vida mereciam uma recompensa bem melhor do que aquela que têm, "são poucos, algumas têm e não mereciam"; "não prestam, não ajudam os idosos estão muito mal, não ajudam os idosos e às vezes precisava de ir ao médico privado e não vou"; "podia haver mais".

De seguida observamos que 28 responderam que os apoios são maus e 17 muito mau, contrapondo com 1 bom e 4 muito bom. Desta forma, podemos constatar que embora 48 idosos consideram os apoios existentes como razoáveis, 45 posicionam-se de forma negativa perante os apoios monetários existentes.

1.1.5 – Índice de Pobreza Múltipla

Neste último ponto, podemos observar o **índice de privação agregado**, ou seja, é nos dado a conhecer os índices das três dimensões analisadas nesta investigação de acordo com o género (feminino e masculino) e situação habitacional (isolamento e coabitação com familiares).

A tabela que se segue apresenta os resultados da amostra (n = 100) nas três dimensões.

Tabela nº 22 – Distribuição dos Resultados da Amostra (n = 100) nas Dimensões

Dimensões	*Índice*
Privação	0,530
Pobreza Monetária	0,540
Pobreza subjectiva	0,790
Índice Agregado	0,620

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar na tabela acima, o índice que apresenta valores mais elevados corresponde à pobreza subjectiva, ou seja, através deste elevado índice de pobreza subjectiva concluímos que o idoso se posiciona relativamente às questões do fenómeno de pobreza de forma negativa.

Não podemos excluir a dimensão de pobreza monetário visto que o seu índice também é bastante elevado, desta forma, podemos concluir que em relação a esta dimensão, se verifica dificuldades que contribuem para o risco de pobreza dos idosos e que por consequência pode influencia outras dimensões.

A tabela n º 23 mostra o resultado das três dimensões do estudo presente, diferenciando os idosos em situação de isolamento e de idosos que coabitam com familiares.

Tabela nº 23 – Índice das Três Dimensões Consoante o Isolamento e a Coabitação com a Família

Dimensões	*Índice*		Total
	Isolados	Coabitam com Família	
Privação	0,280	0,250	0,530
Pobreza Monetária	0,280	0,260	0,540
Pobreza Subjectiva	0,430	0,360	0,790

Fonte: Elaboração própria

A tabela permite-nos observar que o índice referente à dimensão de privação corresponde ao mais baixo, estando os idosos em menos risco de pobreza no que concerne a esta dimensão. Para além de não existir grande diferença entre os idosos em situação de isolamento e os que coabitam com familiares, a diferença entre esta dimensão e a pobreza monetária também é bastante baixa. Os idosos que vivem sozinhos (M = 0,280) apresentam maior índice de privação comparativamente com os idosos que coabitam com familiares (M = 0,250). O índice dos idosos que vivem sozinhos é apenas ou pouco mais elevado, mostrando que apresentam algumas dificuldades relativamente ao conjunto de variáveis educação; saúde; habitação; conforto e bens de equipamentos; mercado de trabalho; família e participação social.

A dimensão da pobreza monetária apresenta o segundo maior índice da tabela (M = 0,540). É possível observar que os idosos isolados (M = 0,280) possuem um maior índice de pobreza monetária em relação aos idosos que coabitam com familiares (M = 0,260).

Por último, e com o maior índice de risco de pobreza, encontramos a dimensão de pobreza subjectiva. É possível observar que relativamente à pobreza subjectiva os idosos que se encontram sozinhos/isolados (M = 0,430) têm um índice superior aos idosos que têm suporte familiar (M = 0,360).

Outra constatação, que retiramos é que os idosos que coabitam com familiares apresentam maior risco de pobreza na dimensão de pobreza monetária, invertendo-se esta situação nas restantes duas dimensões.

A tabela n º 24 apresenta a distribuição dos resultados da amostra (*n* = 100) nas dimensões por género.

Tabela nº 24 – Distribuição dos Resultados da amostra (*n* = 100) nas Dimensões por Género

Dimensões	*Índice*		Total
	Feminino	Masculino	
Privação	0,450	0,080	0,530
Pobreza Monetária	0,480	0,060	0,540
Pobreza Subjectiva	0,660	0,130	0,790

Fonte: Elaboração própria

Ao nível das três dimensões, observamos que existe uma grande diferença entre género, sendo que, o género feminino apresenta maior risco de pobreza em relação ao género masculino.

Podemos observar, que a dimensão de *pobreza subjectiva* apresenta os índices mais elevados da tabela, tanto no género feminino (M = 0,660) como no género masculino (M = 0,130). Na *pobreza monetária*, verifica-se a mesma situação, o género feminino (*M* = 0,480) apresenta maior índice em relação ao género masculino (M = 0,060). De seguida encontramos o índice da dimensão de *privação*, onde o género feminino (M = 0,450) exibe maior índice em comparação com o género masculino (M = 0,080). Contudo, o género masculino (M = 0,080) apresenta maior índice em relação ao género masculino (M = 0,60) da dimensão monetária.

1.2 - Discussão dos Resultados

O presente estudo pretendeu analisar o risco de pobreza na população de idade avançada, numa amostra de freguesia, no contexto da Vila de Cucujães. Foram incluídos neste estudo três dimensões: Pobreza Monetária, Pobreza Subjectiva e a Privação. Cada dimensão é formada por variáveis que resultam da combinação de diferentes indicadores.

Tendo em conta os objectivos propostos, começamos por Analisar o risco de pobreza nos domínios monetário e da privação nos idosos em situação de isolamento, assim sendo, através dos dados analisados constatamos que a distinção inicialmente realizada entre os idosos que vivem em situação de isolamento e dos idosos que possuem qualquer suporte familiar, como podemos observar nos dados obtidos, foi de extrema importância.

Ao falarmos das questões relacionadas com o isolamento, temos de ter em conta o fenómeno da solidão. Cada vez mais se ouve falar neste fenómeno de solidão na terceira idade e recentemente tem emergido tentativas de combater o mesmo, pois é nesta fase de vida que as pessoas se sentem mais sozinhas, visto que, a maior parte passa a praticar uma vida sedentária não tendo como ocupar o seu dia-a-dia. Verificou-se que os nossos idosos inquiridos sentem-se muitas vezes sozinhos, principalmente durante a noite e no Inverno, nestas alturas lembram-se de tudo e mais alguma coisa e têm medo de permanecer sozinhos.

No que concerne à situação dos idosos em situação de isolamento (Tabela n º 23), o maior índice corresponde à pobreza subjectiva (M = 0,430), a dimensão referente à pobreza monetária e privação, apresentam o mesmo índice (M = 0,280), Estes dados mostram-nos que os idosos isolados possuem um índice de pobreza subjectiva bastante elevado em relação às restantes dimensões.

Concluímos, que os idosos em situação de isolamento, apresentam um índice igual ao nível da pobreza monetária e da dimensão privação, desta forma, os idosos manifestaram índices iguais nestas duas dimensões.

Outro dos objectivos propostos neste estudo foi o Analisar o risco de pobreza nos domínios monetário e da privação nos idosos em situação de suporte familiar, desta forma, ao compararmos as três dimensões, pobreza subjectiva (0,360), pobreza

monetária (0,260) e privação (0,250) verificamos que os idosos com suporte familiar apresentam um maior índice na dimensão que corresponde à pobreza subjectiva.

Como podemos observar, neste e no objectivo anterior o maior índice de pobreza recai sobre o índice subjectivo e monetário, tendo em conta a situação de isolamento e de coabitação com familiares do idoso.

Contudo, a dimensão monetária (M = 0,260) e da privação (M = 0,250) apresentam índices bastante aproximados, já a pobreza subjectiva (M = 0,360) distancia-se das restantes duas dimensões.

Um outro objectivo proposto foi, Compreender de que modo o suporte familiar influencia o risco de pobreza, este objectivo tem bastante relevo no estudo presente, visto que, nesta fase de vida o idoso deve ou deveria de ter a máxima atenção da sua família.

Contudo verificamos que os casos mais frequentes são de descontentamento e de tristeza por parte dos idosos em relação à sua família, pois estes raramente os visitam ou não querem saber deles. Encontramos outra situação muito comum nos inquiridos, em que a maioria dos idosos ajuda os filhos a nível monetário abdicando de certos bens para os auxiliar. Em relação aos idosos que têm suporte familiar deparamo-nos com duas situações, são elas: os idosos podem viver com os familiares mas têm uma vida à parte ou então mantêm uma boa relação.

Nas tabelas elaboradas, observamos que os idosos em situação de isolamento apresentam maiores índices de risco de pobreza, desta forma, concluímos que os idosos isolados têm maiores probabilidades de risco de pobreza do que os idosos com suporte familiar.

Um outro objectivo consistiu em, Verificar se o género tem interferência no risco de pobreza, o cenário que apuramos na presente investigação, permite-nos aferir a existência de uma maior probabilidade de pobreza para o género feminino idoso, comparativamente com o género masculino idoso.

Esta análise vai ao encontro das teorias já existentes por diversos autores. Observou-se que a diferença que existe entre o género é elevada nas três dimensões presentes na investigação: privação, género feminino 0,450 e no género masculino 0,080; pobreza monetária, género feminino 0,460 e género masculino 0,060 por último e com os maiores índices a pobreza subjectiva, género feminino 0,660 e género masculino 0,130.

Ao nível da privação existem sete variáveis que a compõem, desta forma, um outro objectivo consiste em, Verificar ao nível de privação as variáveis que mais

contribuem para o aumento do risco de pobreza. Assim sendo, através dos dados analisados constatamos que os índices que contribuem para um aumento da pobreza são as variáveis de Conforto e Bens de Equipamento e a Participação Social (Tabela n º 12).

A variável de Conforto e Bens de Equipamento (M = 0,790) apresenta o índice mais elevado da tabela que compõe o índice de privação. Esta análise permite-nos aferir que existe uma grande carência de equipamento e bens de conforto que os idosos possuem em suas casas.

No que concerne à Participação Social (M = 0,710), o seu maior índice recai sobre os idosos em situação de isolamento. Neste situação, observamos que nesta fase de vida os idosos passam grande parte do seu tempo em suas habitações ou porque não têm dinheiro para passearem ou por motivos de saúde.

Estes resultados vão de encontro aos vários estudos descritos por outros autores. Assim sendo, permitem-nos observar que a população de idade avançada, é a faixa etária mais vulnerável, encontrando-se com maior probabilidade do fenómeno de pobreza incidir sobre os mesmos.

Na nossa opinião ainda existe um longo caminho a ser percorrido por parte da sociedade em prol de uma sociedade que veja os idosos com bons olhos e que os apoiem incondicionalmente. Não basta só serem criadas novas respostas sociais ao nível de instituições de solidariedade de forma a combater o isolamento, mas também de apoio às necessidades mais básicas que estes possuam ter.